

Afinal, por que fazer um mestrado acadêmico?

Mateus de Almeida Maciel
IE/UFRJ

João Augusto Barcellos Lins
PPGEA/UFV

Larissa de Souza Pereira
PPGE/UFF

Paula Vieira Mora
COPPEAD/UFRJ

Larissa Nunes dos Santos
PPEA/UFOP

Luiz Filippe Santana Adão
PPGECO/UñB

Iago Azevedo Rocha Maia
IE/UFRJ

Ihorana Aguiar Cuco
PPGDE/UFPR

Fernanda Almeida Ribeiro de Jesus
IE/UFRJ

Alan Bueno
PPEA/UFOP

1ª Edição - 2020

1 Apresentação

Durante a minha graduação tomei a decisão de fazer um mestrado acadêmico, mas obter informações sobre o processo de ingresso em uma pós-graduação em economia era pouco trivial. Por mais que alguns professores nos encorajassem a seguir estudando e tratassem do tema em conversas de corredor, a informação ficava dispersa.

O Google e o Facebook foram ferramentas de grande importância na obtenção de informações sobre o exame da Anpec, empregabilidade e salários de mestres em economia, assim como algumas estratégias que deram certo para alguns candidatos. Ainda assim, poucos alunos da FCE tinham interesse em cursar um mestrado e não conhecia muita gente que tivesse ido para a pós.

Depois de passar por todo processo e conseguir passar para a UFRJ, pensei que seria interessante dividir essa experiência com os alunos da faculdade onde fiz minha graduação. O CAECO, então, organizou um evento para que Fernanda, Iago e eu pudséssemos falar tudo o que sabíamos sobre o meio acadêmico de economia. Fiquei bastante satisfeito com as pessoas que foram nos ouvir, mas muitos me disseram que não puderam ir à palestra por conta de questões de agenda.

Dessa forma, pensei em escrever, junto a outros alunos que seguiram para a academia, esse guia. Acredito que o leitor encontrará informações que podem ser de interesse de qualquer candidato a um mestrado em Ciências Econômicas,

ou áreas correlatas. Compartilhando basicamente TUDO o que sabemos, creio que um eventual leitor enfrentará um custo informacional bem menor do que o nosso e estou certo de que isso pode ter grande impacto no seu desempenho, assim como despertar um eventual desejo adormecido de seguir estudando.

Sem as dicas de inúmeros professores e ex-professores da FCE, como Honório Kume, Pedro Hemsley, Alexandre Marinho, Maurício Canêdo, Salazar, Christiano, Jorol, Elias, Marina e vários outros, eu jamais teria sido capaz de reunir tantas informações e forças para cursar um mestrado. Aos amigos Iago, Fernanda, Luiz, Larissas, Tobias, Paula e Ihorana agradeço imensamente por escreverem esse guia comigo. Sou grato também aos amigos que fiz no CATE Rodrigo Branco (USP-RP), Fatima Alves (EPGE/FGV) e Rafael Misso (IPE/USP) pelas informações sobre os seus centros, assim como a Camila Sousa pelas informações sobre a UFSCar, Yuri Coloneze (PPDE/UFRJ), Camila Freitas (PPDE/UFRJ), Marcelo Introini (IE/UFRJ), Juliana Damasceno (Norwegian Business School), João Rebouças (Paris School of Economics), Francisco Cavalcanti (Puc-Rio), Ana Caroline Borges (PPGE/Unesp), Caio Romeu (Insper), Guilherme Cruz (Insper), André Maranhão (UnB), Rafael Rios (UFBA), Adalberto Oliveira (UFBA), Mariana Moura (UFJF), Flávia Chein (UFJF), Alan Bueno (UEPG), Tomás Pereira Machado (UEM) e a Ana Carolina Carvalho (Cedeplar/UFMG). O padawan Daniel Rocha (FCE/Uerj) e o professor Pedro Hemsley (IE/UFRJ) ajudaram com ótimos comentários.

Todas as críticas são muito bem-vindas e qualquer aluno que tenha interesse em participar deste projeto, ao ingressar no mestrado, basta entrar em contato.

Mateus Maciel

1.0.1 Uma versão mais geral

De forma a tornar esse documento ainda mais circulável e geral pensei em criar uma versão voltada a tod@s que queiram seguir para a pós-graduação, pois o guia anterior foi desenhado com foco para os alunos da Uerj. Graças aos comentários do Rafael Misso (IPE/USP), Kelly Gonçalves (EESP/FGV) e aos professores João Romero (Cedeplar/UFMG), Pedro Cavalcanti (EPGE/FGV) e Renato Schwambach Vieira (UCB) foi possível obter informações mais detalhadas sobre os seus respectivos centros.

Sumário

1	Apresentação	1
1.0.1	Uma versão mais geral	2
2	Retorno financeiro e empregabilidade	4
2.1	Salários	4
2.2	Trabalhar como economista de fato	5
2.3	Aprender a programar e falar inglês	6
3	Anpec	6
3.1	Exame da Anpec	7
3.2	Tipos de questão	7
3.2.1	Questão aberta	7
3.2.2	Questão fechada	8
3.3	Pesos	8
3.4	Centros	9
3.4.1	Puc-Rio	10
3.4.2	EPGE/FGV	10
3.4.3	EESP/FGV	11
3.4.4	IPE/USP	12
3.4.5	UnB	12
3.4.6	Universidade Católica de Brasília	13
3.4.7	IE/UFRJ	14
3.4.8	Unicamp	14
3.4.9	UFF	15
3.4.10	PIMES/UFPE	15
3.4.11	Cedeplar/UFMG	16
3.4.12	PPGEA/ESALQ	17
3.4.13	PPGEA/UFV	17
3.4.14	USP-RP	18
3.4.15	UFPR	18
3.4.16	Uerj	19
3.4.17	UFSCar	19
3.4.18	PPEA/UFOP	19
3.4.19	PPGE/Unesp	20
3.4.20	PPGE/UFBA	20
3.4.21	Inspira	23
3.4.22	UFJF	23
3.4.23	UEPG	24
3.4.24	PCE/UEM	25
3.5	Como escolher os centros?	26
3.6	Políticas de ação afirmativa	26
3.7	Como se preparar?	27
3.8	Resultados	29
3.9	Não passei para o centro que eu queria. E agora?	29

4 Alternativas: só tem a Anpec?	30
4.1 COPPEAD/UFRJ	30
4.2 EPPG/FGV	32
4.3 PPED/UFRJ	32
4.4 IPPUR/UFRJ	33
4.5 Ebape/FGV	33
4.6 Impa	34
4.7 Doutorado direto	34
4.8 Exterior	35
5 É possível trabalhar e fazer mestrado ao mesmo tempo?	37
6 Conclusão	37
7 Links úteis	38
8 Contato	38
9 Classificações	38

2 Retorno financeiro e empregabilidade

2.1 Salários

Usando dados da CAPES e da RAIS, em 2016, o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) fez um **estudo** sobre o diferencial de salários entre brasileiros com graduação, mestrado e doutorado. Como podem ver, a figura 1 mostra um diferencial substancial entre a média de salário dos trabalhadores formais, para o período de 2009 e 2014, dados anos de estudo.

No caso das ciências sociais aplicadas, a média salarial para pessoas com mestrado estava em R\$12.429,00. Olhando especificamente para o curso de Ciências Econômicas, um indivíduo com mestrado, em 2014, ganhava em média R\$13.770,00. Para informações mais detalhadas, basta acessar o link do **estudo**.

Com relação à empregabilidade, em 2014, 7 em cada 10 formados com mestrado em economia conseguiam emprego. Note, porém, que o estudo apresenta uma série de limitações. Isso porque o fato de ter mestrado não é o único fator que explica o salário. Contatos, renda da família, local onde fez o curso, ano (os dados só vão até 2014), etc. são pontos que ajudam bastante na hora de obter um bom rendimento. Outro ponto é que áreas que têm forte dependência de recursos públicos, como a academia, podem acabar sendo afetadas pelos cortes de recursos destinados à pesquisa.

A principal mensagem do deste trabalho, portanto é que, com um mestrado, **é possível** obter um salário mais elevado e a chance de ser empregado **pode** ser mais elevada do que quando se tem apenas a graduação.

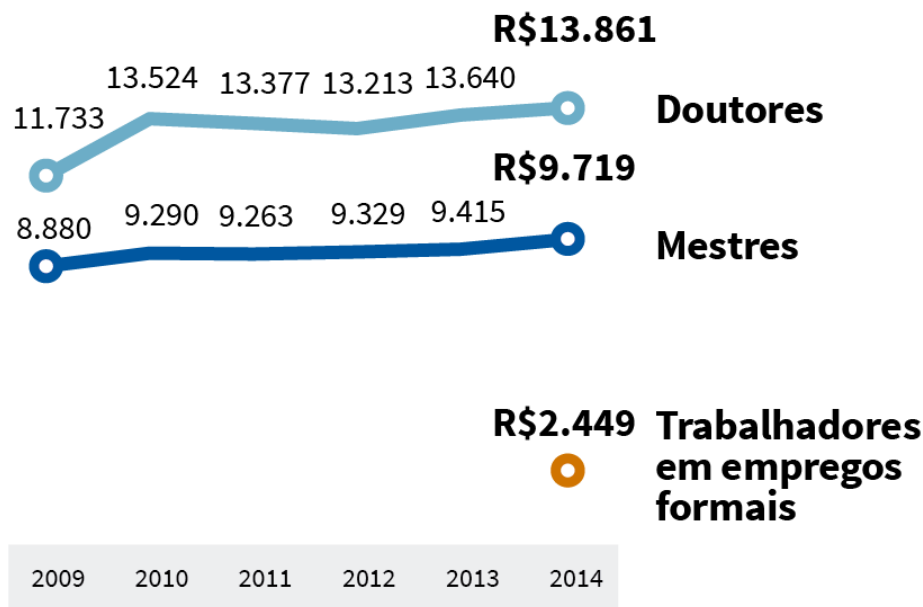


Figure 1: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

2.2 Trabalhar como economista de fato

Você deve ter feito ou vai fazer três cursos de macroeconomia, microeconomia, dois cursos de cálculo, métodos quantitativos, econometria, etc. Além disso, passou nas matérias de professores carrascos para, no final, seu curso de VBA, Excel e Photoshop terem mais peso na hora da sua contratação do que seu real conhecimento sobre economia?

São poucos que acabam conseguindo desempenhar uma função de economista de verdade. Para os que ainda acreditam que fazer mestrado implica apenas em seguir carreira acadêmica, vou dar aqui inúmeros exemplos de instituições que contratam economistas com mestrado para exercer funções que são de fato da nossa área.

Bancos, fundos de investimento e corretoras contratam muitos economistas com mestrado. Consultorias, como a LCA e a Tendências também, assim como o Ibre/FGV, Ipea e Fipe. Sindicatos patronais, como CNI, Firjan e Fiesp também estão na lista. Nessas instituições, o trabalho dos economistas varia entre fazer projeções e análises de conjuntura, montar carteiras de ativos, análises e estudos sobre o mercado de trabalho, indústria, etc.

Para aqueles que desejam exercer funções no exterior ou em organismos multilaterais, o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Banco de Compensações Internacionais, Banco Interamericano de Desenvolvimento, o

Banco Latino-Americano de Desenvolvimento (CAF), a Organização das Nações Unidas, Cepal, Organização Internacional do Trabalho e várias outras contratam economistas com mestrado para preencher cargos em suas sedes (como Washington), em Brasília, ou outros países. O J-PAL e o IPA, duas instituições que desenvolvem trabalhos voltados para a redução de pobreza em vários países da África, Ásia e América Latina (sendo a primeira comandada pelos vencedores do Nobel de economia) também contratam economistas com mestrado.

As atividades que podemos desempenhar nessas instituições são inúmeras: produção de relatórios técnicos sobre a avaliação de programas, gestão de recursos, participar de missões para monitorar empréstimos nos países, reuniões com autoridades, desenvolver estudos voltados para recomendações de política econômica, implementar programas de redução de pobreza, etc.

Empresas e autarquias públicas, como Petrobras, Banco Central e BNDES possuem em seus quadros economistas com mestrados. Vale ressaltar que ter pós, nesses casos, ajuda muito na hora da prova de títulos e isso pode incrementar substancialmente a colocação de alguns candidatos nos concursos públicos. Finalmente, algumas instituições de ensino superior também estão contratando economistas com mestrado.

2.3 Aprender a programar e falar inglês

Excel ainda é uma ferramenta relevante, mas sem Python, Matlab, R e Stata fica bastante difícil encontrar um bom emprego que exija mestrado. Isso porque, essas linguagens de programação e pacotes estatísticos nos permitem analisar grandes bases de dados com muito mais precisão e rapidez do que o famigerado Excel. Para tornar apresentações e escrever documentos de forma mais uniforme, o LaTeX é uma ferramenta bastante importante, especialmente na academia. Inclusive esse guia está sendo escrito com essa linguagem e leva menos de um dia para se familiarizar com ela.

Vale ressaltar que, além do Python, R e LaTeX serem gratuitos, há uma série de vídeos no YouTube (mais em inglês do que em português) ensinando a utilizar essa ferramenta, além de cursos pagos na Udemy, DataCamp e Análise Macro.

Um outro ponto bastante relevante é o inglês. Muitos dos artigos e livros que você vai ler no mestrado são em inglês e o nível da escrita está longe de ser básica. Sem contar que, para muitas vagas mencionados anteriormente, saber ler, escrever e falar inglês é uma condição necessária. Sem isso, sua vida durante o mestrado vai ficar bastante complicada.

Uma maneira de praticar tudo isso já na graduação é fazer a monografia usando essas ferramentas. Vai notar que, lá na frente, vai ter um bom ganho, uma vez que já vai estar familiarizado com elas.

3 Anpec

A Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia (Anpec) reúne a maior parte dos centros de pós-graduação em economia do Brasil.

Importante ressaltar que quando falamos de pós-graduação nessa área, isso implica em tratar sobre programas de mestrado e doutorado. A Anpec, além de organizar encontros anuais onde a comunidade acadêmica pode interagir e apresentar trabalhos, é responsável pela organização da prova utilizada pelas faculdades como forma de ingresso em seus programas de mestrado e doutorado.

3.1 Exame da Anpec

Durante dois dias, os candidatos terão que fazer provas de **macroeconomia**, **microeconomia**, **estatística**, **matemática**, economia brasileira (objetiva e discursiva) e inglês. Cada uma dessas provas é composta por 15 questões, com 5 itens cada. Caso o candidato queira colocar como opção centros majoritariamente heterodoxos, ele terá que fazer além das quatro matérias destacadas, a prova de brasileira e, com isso, a duração pula de duas horas e quinze minutos para três horas. Ou seja, o candidato terá que ficar mais quarenta e cinco minutos na sala para realizar a prova de brasileira.

O mais importante dessa prova é que se você marcar um item errado, um item certo será anulado. É possível, dessa forma, “negativar” qualquer uma das provas e isso diminui bastante suas chances de ingressar em um bom centro. Por isso, **SÓ MARQUE NO CARTÃO RESPOSTA O QUE TIVER CERTEZA**. Na hora da prova, ficamos bastante tentados a marcar algo, principalmente, quando vemos que deixamos questões em branco, mas lembrem-se isso é normal, não se desesperem, mantenham suas respostas, não acrescentem nada, se não tiverem certeza.

Para os que se inscreverem até junho para fazer a prova, o custo é de R\$400,00, ao passo que, se você se inscrever em julho, esse valor aumenta para R\$450,00. É comum que a prova aconteça no mês de setembro. Para os candidatos inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) é possível solicitar a isenção dessa taxa, mas é preciso ficar atento aos prazos pois essa solicitação só pode ser realizada nos primeiros dias de inscrição.

3.2 Tipos de questão

A prova conta com dois tipos de questões: abertas e fechadas. A figura 2 mostra um exemplo de questão aberta, que costuma aparecer três ou quatro vezes durante a prova.

3.2.1 Questão aberta

Como a questão é aberta é possível “chutar” a resposta. Então, vale a pena não deixar questões desse tipo em branco.

QUESTÃO 14

Considere uma situação de Tragédia dos Comuns em que há livre acesso a uma zona de pesca. O preço do peixe é de R\$ 1,00. A produção total de peixes é função do número n de barcos, na forma: $f(n) = 80n - 2n^2$. Suponha que o custo do barco é de R\$ 20,00. Calcule o número de barcos que efetivamente irão pescar.

Figure 2: Questão aberta

3.2.2 Questão fechada

O tipo de questão é mais comum é a fechada, em que o "chute" é punido, caso o candidato marque a opção incorreta. Cada questão fechada conta com cinco itens e o candidato deve marcar se o item é verdadeiro ou falso, no cartão resposta. Na figura 3 podemos ver um exemplo deste tipo de questão.

QUESTÃO 01

Com relação às preferências do consumidor, indique quais das afirmações a seguir são verdadeiras e quais são falsas:

- Ⓐ Sendo $U(x, y)$ a função de utilidade em dois bens x e y , $U(x, y) = \ln x \cdot \ln y$ representa uma função de utilidade quase-linear.
- Ⓑ Podemos sempre extrair a transformação monotônica da função de utilidade do tipo Cobb-Douglas.
- Ⓒ Uma função de utilidade do tipo $U(x, y) = (x + y)^{0.5}$ implica que x e y são bens substitutos perfeitos.
- Ⓓ Uma função de utilidade do tipo $U(x, y) = x + y$ implica que x e y são bens complementares perfeitos.
- Ⓔ $f(U) = U^2$ é uma transformação monotônica apenas para U positivo.

Figure 3: Questão fechada

3.3 Pesos

Cada centro dá um peso diferente para as provas, o que acaba por gerar uma série de rankings. Todas as universidades para as quais vocês se inscreverem vão

gerar um ranking, onde, dada sua nota, você estará em alguma posição. É a partir deste ranking, inclusive, que as bolsas serão concedidas aos alunos.

Tabela 2
Numeração dos Centros, Centros, nº. máximo de vagas e pesos das provas do EXAME ANPEC 2020

Nº dos Centros	Centros	Nº.max. de vagas	Pesos das Provas (%)						
			Micro	Macro	Matem.	Estat.	Economia Brasileira		
							Obj	Disc	Total
	"Classificação Nacional"		20	20	20	20	20		
01	CAEN/UFC	20	25	25	25	25	0	0	0
02	CEDEPLAR/UFGM	15	20	20	15	20	05	20	25
03	FGV-EESP	25	25	25	25	25	0	0	0
04	FGV/EPGE ¹	20	25	25	25	25	0	0	0
05	IE/UFRJ ²	25	20	20	15	15	0	30	30
06	IE/UNICAMP (ME) ³	15	20	20	12,5	12,5	10	25	35
07	INSPER (Mestrado Profissionalizante)	75	25	25	25	25	0	0	0
08	IPE/USP ⁴	25	25	25	25	25	0	0	0
09	MACKENZIE (Mestrado Profissionalizante)	20	25	25	25	25	0	0	0
10	ME/UFAL ⁵	8	25	25	15	15	10	10	20
11	ME/UFV	15	23	23	23	23	8	0	8
12	NUPEC/UFES ⁶	15	20	20	20	20	5	15	20
13	PCE/UEM	15	22,5	22,5	22,5	22,5	10	0	10
14	PIMES/UFPE	20	20	20	20	20	20	0	20
15	PPE/UEL ⁷	14	20	20	20	20	20	0	20
16	PPE/UERN	10	25	25	25	25	0	0	0

Figure 4: Fonte: Anpec

A figura 4 mostra um exemplo de alguns dos pesos que os centros dão para cada uma das provas. Note que, ao passo que Puc-Rio, EPGE/FGV, EESP/FGV e USP dão peso zero para as provas de economia brasileira, UFRJ e Unicamp destinam, respectivamente, peso 30 e 35% para essa prova. Independente do peso, não zere nenhuma das provas, ou dificilmente vai passar para algum centro.

Cada candidato deve optar por, no máximo, seis centros e nós aconselhamos diversificar o risco. Ou seja, não apostar tudo em um centro, ou dois, pois há chances de você acabar não passando para esses centros. Trataremos disso mais a frente.

3.4 Centros

É importante que os candidatos tenham a maior quantidade de informações sobre os centros, para saber se a estrutura dos mesmos bate com a sua metodologia e agenda de pesquisa, disponibilidade de bolsas, vagas e localização. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que é um dos órgãos do governo que financia os programas de pós-graduação, avalia os centros com base em uma extensa lista de critérios (qualidade das publicações, internacionalização

do programa, alunos formados, etc.) e dá uma nota cujo maior valor é 7 e o menor é 1. Segundo a CAPES, as notas 6 e 7 indicam desempenho equivalente ao alto padrão internacional. Já as notas 1 e 2, tem canceladas as autorizações de funcionamento e o reconhecimento dos cursos de mestrado ou doutorado. É possível ver as notas de todos os cursos **aqui**.

Alguns dados específicos como disponibilidade de bolsas, classificações e linhas de pesquisas são apresentados aqui. Esses dados muitas vezes não estão disponíveis ou são difíceis de achar e a compilação deles só foi possível graças a diversas mestrands, mestres, doutores e doutorandos que muito contribuíram com este trabalho. Contudo, todo ano, há uma mudança em algumas dessas informações, especialmente com relação aos candidatos chamados e bolsas disponíveis.

3.4.1 Puc-Rio

Há quatro centros que podem ser chamados de “Top 4”, pois possuem nota 7, de acordo com os critérios da CAPES. Vamos começar falando um pouco deles. A Puc-Rio dá bolsa para todos os alunos que ingressam em seu programa. Ingressar neste programa não é nada simples, uma vez que os 30/40 melhores colocados são chamados para cursar o mestrado lá. O programa é bom em todos os temas ortodoxos e conta com pesquisadores conhecidos no meio acadêmico nacional e internacional, como Juliano Assunção (meio ambiente), Gustavo Gonzaga (economia do trabalho), Marcelo Medeiros (econometria), Leonardo Rezende (organização industrial), Thierry Verdier (economia internacional), Walter Novaes (finanças), Nathalie Gimenes (organização industrial e econometria), Yvan Bécard (macroeconomia), Eduardo Zilberman (macroeconomia e finanças públicas) e outros.

O mestrado da Puc é conhecido por colocar alunos em programas de doutorado consagrados no exterior, como Harvard, MIT, Princeton, Yale, Chicago, Stanford e Berkeley. Sem contar que a empregabilidade para os que decidem seguir no mercado de trabalho é incrivelmente elevada, principalmente nas áreas de macroeconomia, finanças e políticas públicas.

3.4.2 EPGE/FGV

A EPGE/FGV chama os 40/50 primeiros colocados no exame e todos os seus alunos recebem bolsa. O programa é conhecido por ter um viés bastante teórico e, para os que estão interessados em microeconomia, o programa é bem forte. A infraestrutura é muito boa e o programa conta com ótimos pesquisadores, que estão sempre abertos para conversar. Uma forma de ter uma ideia do que você vai enfrentar no curso da EPGE é fazer os cursos de verão em economia matemática e análise na reta, no Impa. Importante ressaltar que o viés quantitativo do curso está longe de ser semelhante aos cálculos e demais métodos quantitativos que vimos na faculdade, dado que toda linguagem é bastante diferente do que já vimos. Tanto que o primeiro ano é conhecido por ser muito puxado.

Não será difícil encontrar orientadores nas áreas de micro e macroeconomia

ortodoxas. Pedro Cavalcanti, Felipe Iachan e João Victor Issler desenvolvem trabalhos em macro, ao passo que Cecília Machado, André Trindade e Marcelo Sant'Anna pesquisam na área de micro. Além do mais, para os que desejam aplicar para ou doutorado fora, ou até mesmo seguir para o mercado de trabalho, a EPGE consegue colocar alunos em ótimos cursos de doutorado no exterior, bem como um diploma de mestrado de lá funciona como um ótimo sinalizador para o mercado, especialmente para o mercado financeiro (o indivíduo aguenta bem a pressão).

3.4.3 EESP/FGV

A EESP/FGV chama os 60 primeiros colocados no exame e todos seus alunos recebem bolsa. Nos últimos dois anos, os alunos que prestaram mais de uma vez a ANPEC e se colocaram após o 40 primeiros, não foram chamados. Os primeiros 15 colocados recebem um adicional da bolsa dependendo da colocação, chegando a receber duas vezes o valor da bolsa.

O curso da EESP é mais forte nas áreas de microeconomia e econometria. Sobre a colocação em doutorados no exterior, os alunos com notas no curso maiores que 8 e com um currículo bom (RA durante o mestrado, uma dissertação publicada) conseguem se colocar em bons centros no exterior. Alguns alunos mais brilhantes se colocam nos top 3 programas de Ph.D. no exterior. Na média, os alunos conseguem se colocar em Ph.D. top 50. Sobre o mercado de trabalho, a conexão dos professores com pessoas em consultores e mercado financeiro faz com que alunos tenham um bom *placement* no mercado de trabalho. Alguns acabam trabalhando no governo e em órgãos de pesquisa.

Com relação aos professores, da área de microeconomia aplicada, Bruno Ferman é o responsável pelas matérias de econometria I e microeconometria I e II. Ele pesquisa em econometria teórica, com o desenvolvimento de novos estimadores (ele tem papers de estimadores de dif-in-dif e controles sintéticos), econometria aplicada e economia comportamental. Cristine Pinto é coautora do Ferman nos papers de econometria teórica e responsável pela matéria de econometria II. Ela pesquisa mais nessa área teórica. Ricardo Masini é responsável pela matéria de estatística e Bayesiana e também pesquisa na área de econometria teórica focada na parte estatística. Os professores de econometria aplicada são: Vladimir Ponczek (economia da educação e economia do trabalho), Fernanda Estevan (economia da educação e economia política), Daniel da Mata (economia do setor público, economia urbana e desenvolvimento econômico), Enlinson Mattos (fiscal e tributária), João Paulo (comércio internacional e organização industrial), André Portela (economia da educação e trabalhos empíricos aplicados ao Brasil).

Na parte de microeconomia teórica, Braz Camargo (coordenador do curso e responsável pelas matérias de microeconomia I e IV), Victor Filipe (responsável pela matéria de microeconomia II) e Daniel Monte (responsável pela matéria microeconomia III) são os principais pesquisadores. O Braz faz algo teórica com alguma aplicação, Victor Filipe fica mais na parte teórica e o Daniel Monte está na área de teoria dos jogos e desenho de mecanismo. A área de macro é composta

pelos professores: Bernardo Guimarães, Pierlucca Panella e Tiago Cavalcanti.

3.4.4 IPE/USP

Por fim, na USP, há um grande número de bolsas, entretanto nem todos que são chamados recebem essa garantia. Porém, os alunos são incentivados a concorrer a outras bolsas como a da FAPESP, que tem um valor maior. É possível complementar o valor da bolsa dando monitorias. O programa convida os 70 primeiros do exame.

As disciplinas obrigatórias seguem a linha dominante do que se vê nas melhores pós-graduações do mundo, o que envolve rigoroso treinamento metodológico para entender e desenvolver pesquisas acadêmicas de fronteira. Prepare-se para estudar bastante no verão e nos três primeiros bimestres (período com disciplinas obrigatórias). Um diferencial para enfrentar essa fase pode ser o ambiente da universidade (o campus da USP é gigantesco e arborizado) e o fato de sempre poder contar com turmas colaborativas, que com compartilham material.

Após as matérias obrigatórias, há matérias eletivas e o seu projeto de pesquisa. Para isso, um diferencial da USP é a ampla gama de professores e áreas de pesquisa (macroeconomia ortodoxa e heterodoxa, HPE, microeconomia, organização industrial, economia regional, meio ambiente, trabalho, políticas públicas, educação, saúde, finanças, etc.). Difícil destacar todos, mas vale mencionar o NEREUS (Núcleo de Economia Regional e Urbana da USP), que coloca a FEA-USP entre as melhores escolas de economia regional do mundo (economia aplicada em que a dimensão espacial é elemento fundamental de análise). Outro destaque é a possibilidade de fazer disciplinas em outras unidades da USP que podem agregar para a sua pesquisa, como no IME (matemática/estatística) e na Poli (engenharia). Também é possível fazer disciplinas no Insper e na EESP/FGV.

3.4.5 UnB

Considerada por muitos como uma boa alternativa em relação às “top 4”, a UnB, com sua nota CAPES 6 e reconhecida pluralidade, atrai estudantes de variados interesses de pesquisa. O programa conta com pesquisadores conhecidos, com publicações nacionais e internacionais: Leandro Nascimento (microeconomia), José Guilherme de Lara Rezende (microeconomia e finanças), Mauricio Bugarin (microeconomia), Joaquim Andrade (macroeconomia), Roberto Ellery (macroeconomia), Daniel Cajueiro (programação e finanças), Michael Christian (economia do setor público e microeconomia aplicada), Mauro Boianovsky (pensamento econômico), Joaquim Andrade (macroeconomia), Rodrigo Peñaloza (economia matemática), entre outros. Nomes conhecidos na cena heterodoxa também fazem parte do corpo docente, como Nelson Barbosa (ex-ministro da Economia), Joãnílio Teixeira (macroeconomia), Ricardo Araújo (desenvolvimento), José Oreiro (macroeconomia), entre outros.

A estrutura da UnB é propícia aos que desejam acordar e dormir estudando. Apesar de a Biblioteca Central funcionar 24 horas (com exceção dos sábados), a

sala de estudos da pós (aberta de 7h às 23h), com suas mesas amplas e silêncio, acaba sendo a preferida dos alunos da pós. Entretanto, alguns problemas devem ser apontados para aqueles que considerarem se mudar para Brasília: poucas bolsas disponíveis (comparada às “top 4” e à UFRJ e Unicamp) e ausência de ar-condicionado, o que torna a permanência na universidade no turno da tarde durante o verão um ato de bravura.

Quanto à bolsa, uma boa quantidade de alunos, por serem funcionários públicos de licença, terminam por abrir mão do valor pago pela CAPES ou CNPq, o que abre a possibilidade de recebimento por aqueles que tenham entrado sem a garantia da mesma. Além do mais, oportunidades de monitoria remunerada, trabalho no Ipea e outros órgãos de pesquisa surgem como oportunidades financeira e profissional para os alunos (especialmente no segundo ano).

O programa, por fim, tem mandando alunos para cursar doutorado no exterior. Além de contar com uma boa formação, os professores têm publicações em bons periódicos internacionais, assim como cursaram pós-graduação em centros de lá fora. Isso faz com que seja mais fácil para que o aluno consiga uma posição em um programa de doutorado fora do Brasil.

3.4.6 Universidade Católica de Brasília

Com conceito CAPES 6 e viés mais ortodoxo, nem todos os alunos entram com bolsa no programa da UCB. O critério se dá de acordo com a classificação dos mesmos no exame da Anpec e conforme a disponibilidade de bolsas concedidas pelas principais agências federais de fomento e, eventualmente, pela FAP-DF.

Para os que tiverem interesse em finanças, economia regional e da inovação, o programa pode ser bastante interessante. Em finanças, os professores José Angelo Costa do Amor Divino, Jaime José Orrillo Carhuajulca, Osvaldo Candido da Silva Filho, Carlos Enrique Carrasco Gutierrez, Paula Virgínia Tófoli, Thiago Christiano Sliva e Renato Schwambach Vieira são os mais indicados. Já na área de economia regional, Tito Belchior Silva Moreira, Wilfredo Sosa Sandoval, Ricardo Carvalho de Andrade Lima, Renato Schwambach Vieira, Robson Douglas Tigre Santos, Carlos Enrique Carrasco Gutierrez, Carlos Vinícius Santos Reis, Osvaldo Candido da Silva e Filho Philipp Ehrl pesquisam sobre o tema em questão. Por fim, na área de economia da inovação, José Angelo Costa do Amor Divino, Philipp Ehrl, Paula Virgínia Tófoli, Thiago Christiano Sliva, Carlos Vinícius Santos Reis, Jaime José Orrillo Carhuajulca e Robson Douglas Tigre Santos também desenvolvem trabalhos sobre o assunto.

Fato relevante é que o aluno que desejar cursar algumas disciplinas na UnB poderá fazer isso sem problemas, seguindo o Regulamento Específico do Programa de Economia da UCB. Outro ponto forte do programa é que grande parte dos alunos consegue empregos, ao terminar o mestrado. Devido à localização da instituição na capital do país, o setor público acaba por receber o maior número de mestres recém-formados. Por outro lado, bancos e empresas privadas em geral também estão na lista de empregadores.

Por fim, para os interessados em cursar doutorado no exterior, a UCB já enviou alunos para bons programas na América do Norte e Europa. Como

alguns alunos conseguem encontrar empregos no setor público, também é comum que estes sigam para o doutorado na própria instituição ou em outras tão bem avaliadas.

3.4.7 IE/UFRJ

Caso sua agenda de pesquisa esteja voltada para temas heterodoxos, UFRJ e Unicamp devem estar na sua lista de prioridades. Ao passo que o primeiro programa convida os 200 primeiros candidatos, o segundo chama os 300 primeiros colocados e ambos têm nota CAPES 6. Importante ressaltar que nem todos recebem a bolsa no começo do curso. Com o lema "singular porque plural", o programa da UFRJ conta com pesquisadores heterodoxos bastante conhecidos, como Mário Possas (organização industrial), Esther Dweck (desenvolvimento econômico e economia do setor público), Marta Castillo (economia internacional), Ricardo Summa (macroeconomia e desenvolvimento econômico), Fábio Freitas (desenvolvimento e crescimento econômico), Ricardo Bielschowsky (desenvolvimento econômico), Luiz Fernando de Paula (macroeconomia pós-keynesiana), André Modenesi (economia monetária) e vários outros.

Vale ressaltar que a pluralidade permite a presença e boa convivência com pesquisadores ortodoxos. Na área de microeconomia aplicada, o professor Romero Rocha desenvolve trabalhos voltados para o meio ambiente (ex analista sênior no CPI-Rio), a professora Valéria Pero publica artigos sobre desigualdade e Marcelo Resende tem publicações voltadas para organização industrial. Em microeconomia teórica, o professor Pedro Hemsley desenvolve trabalhos na área de economia dos contratos e teoria dos jogos. Na parte de defesa da concorrência, economia industrial e mercado de trabalho temos o professor Eduardo Pontual (ex-economista chefe do CADE). Por fim, os professores Alexandre B. Cunha e Susan Schommer têm trabalhos publicados da área de macroeconomia teórica e aplicada.

Um grande trunfo do Instituto de Economia é a ampla quantidade de professores. Existe um ganho para os alunos em contar com uma **gama de professores especializados em diversos assuntos**, algo raro no Brasil, mas mais comum no exterior, onde os departamentos não são tão "enxutos". O IE tem por volta de 90 professores, sendo heterodoxos uns 70 destes docentes.

3.4.8 Unicamp

A Unicamp conta com dois programas: mestrado em teoria econômica e mestrado em desenvolvimento econômico. Ao passo que o ingresso no primeiro se dá a partir do exame da Anpec, o segundo não. Nem todos entram com bolsa, mas é possível obter bolsa ao longo do ano.

O programa de desenvolvimento econômico é dividido em cinco campos: história econômica, economia regional e urbana, economia agrícola, economia social e do trabalho e padrões de desenvolvimento. O Núcleo de Economia Agrícola (Nea) tem um viés menos heterodoxo que os demais e o Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit) dialoga bastante com a política pública do

país. Há uma série de núcleos dentro do programa de teoria, sendo o Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON) e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (Neit) um dos mais relevantes. Val ressaltar que os alunos dos dois programas podem transitar entre os centros e núcleos de programas distintos.

Com relação ao corpo docente, os professores Alexandre Gori e Adriana Kayama trabalham com econometria e métodos quantitativos, Baastian Reydon pesquisa na área de economia agrícola, Daniela Prates publica nas áreas de economia internacional e monetária, ao passo que o professor Davi Dequech trabalha com macroeconomia pós-keynesiana e Jose Dari Krein faz trabalhos voltados ao mercado de trabalho. O professor Marcio Pochmann, ex-presidente do Ipea, também desenvolve pesquisa voltada para a área do trabalho e Mariano Laplane faz trabalhos com foco em economia industrial.

3.4.9 UFF

Assim como a UFRJ e a Unicamp, a UFF também é forte em temas fora da ortodoxia. O programa está dividido em cinco áreas temáticas, com destaque para a área de economia política, sendo a instituição sede da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Vale ressaltar os projetos com viés mais heterodoxo que o centro desenvolve nas áreas de energia e economia social. Um projeto recente do instituto, em parceria com instituições nacionais e internacionais, e que vem chamado bastante atenção da academia é a avaliação de um programa de renda básica, em Maricá, que no Brasil é coordenado pelo professor Fábio Waltenberg (UFF). Na área de economia social e sustentabilidade destaca-se também Roldán Muradian, apontado na lista Highly Cited Research, em 2019, como um dos pesquisadores mais influentes do mundo. A professora Danielle Carusi é conhecida na parte de microeconomia aplicada e tem trabalhos voltados para educação, mercado de trabalho, gênero e desigualdade.

Um grande diferencial do PPGE/UFF é a possibilidade dos alunos optarem por realizar o curso de macroeconomia com viés ortodoxo ou heterodoxo. No caso de temas ortodoxos, o centro conta com ótimos pesquisadores em macroeconomia aplicada e o CEMAFIN, comandado pelo professor Helder de Mendonça, vem publicando bastante na área.

A UFF chama os 400 primeiros do exame e nem todos recebem bolsa ao ingressar no programa. As aulas são ministradas no campus Gragoatá, em Niterói. Para os alunos que vêm de outros municípios, é possível fazer o deslocamento da estação das barcas ou do terminal até o campus caminhando ou pegando BusUFF no campus Valonguinho, além das linhas de ônibus que passam pelo campus. Vale destacar que, a instituição possui um dos restaurantes universitários mais baratos do país, custando apenas R\$ 0,70 para estudantes.

3.4.10 PIMES/UFPE

O Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Pernambuco tem conceito CAPES 6 e um perfil mais ortodoxo. Além disso, é

forte nas áreas de microeconomia aplicada, macroeconomia, desenvolvimento econômico e economia regional.

Com relação a alguns professores de destaque do programa temos: Breno Sampaio (microeconomia aplicada e desenvolvimento econômico), Bladimir Carrillo (microeconomia aplicada e desenvolvimento econômico), Gustavo Sampaio (microeconomia aplicada), Rafael Costa Lima (microeconomia aplicada e desenvolvimento econômico), Paulo Henrique Vaz (desenvolvimento econômico e macroeconomia), Raul Silveira Neto (economia regional), Tatiane Menezes (economia regional), Rafael Vasconcelos (macroeconomia) e Marcelo Silva (macroeconomia).

Vale ressaltar que, geralmente, todos os candidatos recebem bolsa e é possível cursar disciplinas em outros departamentos, como no de Estatística e Ciência Política. Com relação à empregabilidade dos mestres formados pelo programa, sete anos após a formação, alguns obtiveram vagas como professor universitário na própria UFPE, como também na UFBA, bem como posições no Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Washington.

Por fim, para os que desejam fazer doutorado fora, o PIMES já mandou alunos para a University of Illinois (Chicago e Urbana-Champaign), University of Barcelona, University of Alberta, University of Bologna, Universidad Carlos III, University of Groningen, University of Oregon, University of Southern California, University of Tennessee e University of Trento.

3.4.11 Cedeplar/UFMG

Com conceito 6 na CAPES, o programa do Cedeplar/UFMG conta uma boa infraestrutura: prédio moderno, salas de conferência, laboratórios, sala de estudo para os alunos da pós e um biblioteca aberta 24h por dia. Além disso, ele está estruturado em três áreas de concentração: economia aplicada, história do pensamento econômico e economia urbana e regional. A última acaba por ser a mais forte e conhecida pelos candidatos que desejam ingressar no centro. Dado que o Cedeplar também conta com um programa de pós-graduação em demografia, os alunos da pós em economia podem cursar algumas disciplinas naquele programa

O Cedeplar é bastante plural e conta com professores ortodoxos e heterodoxos. O professor Mauro Ferreira desenvolve pesquisa em temas relacionados à macroeconometria e DSGE e o professor Carlos Suprinyak é uma das principais referências em HPE. Já em economia do trabalho e da cultura, a professora Ana Flávia pesquisa sobre esses temas e, com relação à microeconometria, a professora Ana Hermeto e o professor Pedro Amaral têm publicações sobre o assunto. Já o professor Igor Vireiros desenvolve pesquisa com foco em séries temporais. Aos interessados em macroeconomia pós-keynesiana, os professores Frederico Gonzaga e Marco Flávio são indicados. Em microeconomia teórica, o professor Rodrigo Raad desenvolve pesquisa em teoria dos jogos e equilíbrio geral.

Na área de macroeconomia e desenvolvimento aplicados, Frederico Jayme Jr., Marco Flávio Resende e Gustavo Britto têm artigos sobre esses temas, assim como João Romero, Fabricio Missio e Rafael Ribeiro. Na área de economia da

ciência e tecnologia, os professores Eduardo Albuquerque e Márcia Rapini são influentes nacional e internacionalmente. Em organização industrial, professor o Ricardo Ruiz (ex-conselheiro do CADE) desenvolve trabalhos na área, além dos professores Edson Domingues, Debora Freire e Aline Magalhães, que trabalham com modelos de equilíbrio geral computável e o professor Juan Pablo Gama Torres que tem publicações importantes em microeconomia teórica. As professoras Mônica Viegas e Kenya Noronha são importantes referências na área de economia da saúde.

Na área de economia urbana e regional, temos os professores Roberto Monte-Mor, Pedro Amaral, Anderson Cavalcante e João Tonucci, sendo que os dois primeiros são referências importantes nacional e internacionalmente. Com 45 professores trabalhando no Cedeplar, este centro conta com o maior número de publicações discentes do país. Isso pode ser interessante para os alunos que, desde cedo, já desejam publicar artigos acadêmicos.

3.4.12 PPGEA/ESALQ

No caso de se interessar por linhas voltadas para a área agrária ou mesmo sobre meio ambiente, existem dois centros que possuem linhas voltadas para essa temática, que são o PPGEA/ESALQ e o PPGEA/UFV. Ambos centros possuem conceito CAPES 5.

A ESALQ é um polo da USP, que se encontra na cidade de Piracicaba, interior de SP e possui vários pesquisadores com enfoque agrário, muitos inclusive membros da SOBER (Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural). Também tem o Alexandre Nunes, que estuda meio ambiente e o Humberto Spolador, atualmente suplente e coordenador do curso, respectivamente. O processo seletivo da ESALQ vai bem além de só fazer a Anpec. Além da prova, a coordenação de seleção de lá ainda pede para que o candidato envie (em um prazo determinado por eles, antes da prova) currículo Lattes, carta de recomendação, ficha de inscrição (que eles disponibilizam) e um projeto de pesquisa. Com essa documentação e a sua nota na prova, eles determinam se você passa para a próxima fase ou não e então, fazem uma entrevista com cada candidato, chegando à classificação final.

3.4.13 PPGEA/UFV

A UFV, assim como a maioria dos centros, só considera a Anpec. O PPGEA/UFV é majoritariamente focado em economia agropecuária, e possui um quadro de professores bem amplo, em sua maioria ortodoxos. Existem poucos nomes voltados ao meio ambiente, como o caso do Denis da Cunha. No geral, são muito focados em econometria e modelos matemáticos aplicados a agropecuária, como o caso do Alexandre Coelho, Leonardo Bornacki e o Wilson Vieira.

O programa tem exigências fortes, CR mínimo a ser obtido nos dois primeiros semestres (senão, o estudante é desligado do programa) e outras exigências de publicação. Porém, o programa sempre se dedicou a fornecer bolsas para se não todos, grande parte dos estudantes. Sendo que normalmente, até o segundo

semestre, todos os alunos da turma já se encontram recebendo bolsas, sejam elas da CAPES, CNPq ou FAPEMIG. Além de que, a UFV em geral possui uma estrutura e uma administração eficiente, o que faz o campus e todas as demais atividades vinculadas a ela, funcionais e de qualidade (Restaurante Universitário, processos de auxílios aos alunos, bibliotecas e afins).

3.4.14 USP-RP

A USP-RP tem conceito 5 pela CAPES e convida os 150 primeiros colocados no ranking, além conceder bolsa para todos os alunos, no primeiro ano. No segundo ano, a bolsa não é garantida, mas é possível obter renda participando de grupos de pesquisa e/ou dando monitorias. Alguns alunos, como é possível não cursar matérias no segundo ano, acabam saindo de Ribeirão Preto (onde a universidade fica) e vão trabalhar em São Paulo, no mercado financeiro (fazendo a dissertação ao mesmo tempo).

O professor Márcio Laurini desenvolve trabalhos aplicados usando econometria e é conhecido por orientar (bem) muitos alunos. Na área teórica, o professor Jefferson Bertolai desenvolve trabalhos em teoria dos contratos e política monetária. Em finanças e macroeconomia, o professor Alex Ferreira pesquisa estes assuntos. Há também o professor Daniel Santos, que foi orientado em Chicago pelo vencedor do Nobel James Heckman, que publica na área de microeconomia aplicada. Em economia da educação, o programa conta com o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social (LEPES). Com viés bastante ortodoxo, o curso de verão em análise é bastante puxado. O professor usa material da EPGE/FGV e nem todos passam, mesmo a nota mínima sendo cinco.

3.4.15 UFPR

Na UFPR, atualmente, o conceito CAPES é 5. Nem todos os alunos recebem bolsa, principalmente do doutorado. Historicamente, alunos do doutorado recebem entre 3 a 5 bolsas. Isso depende muito do ano. Já para o mestrado, a maioria recebe. Nas últimas turmas, quem não entrou com bolsa conseguiu poucos meses depois, mas também não existe um padrão. No doutorado, normalmente abrem 10 vagas e no mestrado, 15.

Com um viés plural, o programa possui estas linhas de pesquisa. Economia comportamental: no departamento só a Adriana Sbicca está nessa área. Uma ótima pesquisadora. Os alunos a elogiam bastante. Acredito que a área de comportamental é muito restrita, então pra quem se interessa, é uma ótima opção. história do pensamento econômico: Marcelo Luiz Curado reconhecido entre os pós-keynesianos (mas talvez não esteja orientando mais) e o Eduardo Angeli com história do pensamento econômico na área dos liberais. Economia e instituições: Felipe Almeida com foco na velha economia institucional (institucionalismo norte americano do sec. XX). Economia regional e urbana: o grupo de pesquisa chama NEDUR e é puramente ortodoxo. Ali há alguns ótimos professores e seria complicado destacar apenas uns, mas vou falar dos que eu conheço mais de perto. Kênia de Souza é pesquisadora em mercado de trabalho e equilíbrio geral

computável e Alexandre Porsse, pesquisador em econometria espacial.

Por fim, a bolsa paga o custo de se morar em Curitiba. Normalmente quem vem pra UFPR mora no Cristo Rei ou no Jardim Botânico. De antemão já indico morar no Cristo Rei, é um bairro mais acessível a faculdade e que possibilita morar num apê rachando com algumas pessoas. No jardim botânico, a maioria é pensão, com muitos estudantes morando. No geral, sempre tem muitas opções e elas giram desde \$400 até \$800 reais. O Restaurante da universidade é R\$1,30 e bem servido.

3.4.16 Uerj

A Uerj conta com um programa de mestrado e doutorado. Com conceito CAPES 4, nem todos os alunos recebem bolsa. A saída dos professores Luiz Fernando de Paula, Pedro Hemsley e Susan Schommer pode impactar negativamente na nota do programa. Vale ressaltar que, na área de finanças, a Uerj conta com alguns bons pesquisadores como o professor Fernando Aiube e Andrea Ugolini. Na área de meio ambiente, os professores Ronaldo Serôa e Gabriela Sanchez desenvolvem pesquisa. O professor Alexandre Marinho publica bastante na área de economia da saúde.

Em economia agrária, os professores Elcyon Caiado e Antônio Salazar podem orientar trabalhos na área em questão. Já o professor Octávio Tourinho possui publicações na área de macroeconomia aplicada. Por fim, caso você queira pesquisar temas heterodoxos, os professores Elias Jabour e Angela Moulin podem te orientar.

3.4.17 UFSCar

Com um viés mais ortodoxo e localizado em Sorocaba, o curso de mestrado da UFSCar tem colocação 4 na CAPES e nem todos os alunos recebem bolsa ao ingressar no programa. Alguns professores que dão aula no programa são formados pela ESALQ e, por isso, para os que tiverem interesse em temas como meio ambiente e economia agropecuária a UFSCar pode ser bastante interessante. Há, além disso, o Núcleo de Estudos em Economia Aplicada que desenvolve projetos nas áreas de macroeconomia e finanças, bem estar, agricultura e meio ambiente e economia internacional.

3.4.18 PPEA/UFOP

A UFOP iniciou o curso de mestrado em economia aplicada com sua primeira turma em 2016. O programa possui um viés ortodoxo com o objetivo de solidificar o conhecimento em métodos quantitativos, mas também possui foco de pesquisa em desenvolvimento econômico e políticas públicas. Por ser um curso recente, a colocação na CAPES do PPEA/UFOP (Programa de Pós-graduação em Economia Aplicada) é 3.

Deve-se evidenciar que o curso é bem exigente em relação a quantidade de créditos obrigatórios a serem cumpridos. Ao iniciar o aluno irá realizar o

nivelamento em matemática e estatística com duração de um mês. O primeiro período é composto pelas disciplinas de economia matemática, microeconomia e inferência estatística. Já o segundo por econometria, macroeconomia e seminário de dissertação. Portanto, o programa possui no total 8 disciplinas obrigatórias - contando as disciplinas do nivelamento são 24 créditos - e 10 créditos eletivos a serem cumpridos.

Uma informação bem relevante é que na UFOP existe a possibilidade de cumprir parte dos créditos eletivos no Cedeplar/UFMG por meio de um termo de colaboração que os dois centros possuem, o que permite realizar 6 dos 10 créditos eletivos no outro centro.

Em relação às linhas de pesquisa dos professores do PPEA/UFOP são: métodos estatísticos aplicados à economia, avaliação de políticas públicas, desenvolvimento econômico e teoria econômica. As linhas de pesquisa e o currículo Lattes de cada professor podem ser vistas no site do programa com maiores detalhes. Apesar de um centro considerado ortodoxo, possui professores como a Doutora Francisca Diana que focam em uma economia menos quantitativa.

3.4.19 PPGE/Unesp

O programa de pós-graduação em economia da Unesp possui conceito CAPES 4 e tem um viés mais heterodoxo. Além disso, há duas linhas de pesquisa que o aluno pode seguir: economia da tecnologia e da inovação e desenvolvimento socioeconômico e políticas econômicas. Nem todos os candidatos conseguem bolsas, ao ingressar no programa.

Na 1ª linha os professores de destaque são Rogério Gomes, Tatiana Massaroli e Enéas Gonçalves. Já na 2ª linha, os professores André Luiz, Eduardo Strachman, Sebastião Neto e Mário Bertella desenvolvem pesquisa nos temas em questão. Além de ser possível fazer matérias em outros programas, o professor Mário Possas (IE/UFRJ) ministra algumas disciplinas e é coorientador em algumas pesquisas.

O Grupo de Economia Industrial (GEEIN) é bastante reconhecido pela sua atuação, além de ter sido precursor da Associação Brasileira de Economia Industrial (ABEIN). Ele é composto por alunos da graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores de outras universidades que desenvolvem pesquisas na área e afins.

Com relação à inserção no mercado de trabalho, os mestres formados pelo programa conseguem obter cargos em consultorias, na academia e no setor público.

3.4.20 PPGE/UFBA

O Programa de Pós-Graduação em Economia da UFBA, atualmente, está dividido em duas áreas: Desenvolvimento Econômico e Economia Aplicada. Enquanto a área de Desenvolvimento Econômico herdou a estrutura metodológica do programa antes da divisão, a área de Economia Aplicada buscou adotar a proposta metodológica dos programas mais próximos do mainstream econômico.

Atualmente, apenas duas disciplinas obrigatórias são comuns entre as duas áreas: Métodos Quantitativos e Economia Política.

O programa de Desenvolvimento Econômico tem foco em Economia Política do Desenvolvimento. Oferece as disciplinas de econometria, microeconomia e macroeconomia com foco heterodoxo. É um programa que procura incentivar a produção textual discente, visando a interdisciplinaridade com áreas como Sociologia, Geografia, Relações Internacionais e Direito. O grupo de Organização Industrial é o que mais se destaca na área de Desenvolvimento Econômico, não só pela quantidade de professores que pesquisam sobre o tema, que são quatro, mas pela qualidade dos trabalhos desenvolvidos por eles. Este grupo tem forte influência da UFRJ, tendo três dos quatro professores com passagem por esta instituição.

O programa de Economia Aplicada está alinhado com os principais programas de Economia Aplicada do país. As ementas de métodos quantitativos, econometria, microeconomia e macroeconomia são semelhantes aos dos demais programas. O programa incentiva muito aos alunos o intercâmbio entre esses programas e outras instituições de ensino. Todos os anos, um ou dois alunos fazem o curso de Avaliação Econômica de Projetos Sociais da Fundação Itaú, além de um acordo com grupos de pesquisa da USP e da FGV-SP, que recebem alunos de Economia Aplicada da UFBA para um estágio em seus programas. O curso se destaca mais em temas em microeconomia aplicada, como Economia da Educação, Economia do Trabalho, Economia Espacial/Urbana e Economia da Saúde.

Em Desenvolvimento Econômico, duas agendas se sobressaem: Economia Política Internacional e Economia Industrial. Para quem tiver interesse em Economia Política Internacional, o destaque seria o professor Nuno Jorge Teles Sampaio, com experiência em finanças, economia europeia e economia africana. Em Economia Industrial, recomenda-se conhecer o professor Bernardo Cabral e seus estudos sobre a indústria do complexo da saúde. São os professores com pesquisas e publicações mais avançadas e que já estão publicando internacionalmente. Por fim, duas agendas interdisciplinares bem estabelecidas no programa são sobre Economia Agrária, com a professora Gilca Garcia e Sociologia do Trabalho, com o professor Victor Filgueiras.

Os professores mais indicados na área de Economia Aplicada são os que estão envolvidos com o Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (CIDACS), vinculado à FIOCRUZ. O motivo é que esses professores são os que estão mais se destacando em relação à produção acadêmica e criando redes que abrem portas para os alunos no mercado de trabalho, depois. São os professores Gervásio Santos, Vinícius Mendes, Diana Gonzaga e Rodrigo Oliveira. Em comum, esses professores pesquisam sobre temas que se enquadram na agenda do “microdesenvolvimento econômico” (Economia da Educação, Economia da Saúde, Economia do Trabalho, Economia da Pobreza, etc.). Destaca-se o Grupo de Pesquisa em Economia Espacial, liderado pelo professor Gervásio Santos, com uma rede bem articulada com outros grupos em Economia Espacial do país (USP, UFJF, UFS, UFMG).

Nem todos os alunos recebem financiamento ao ingressar no programa. Por

causa do número ímpar de bolsas, existe uma alternância na distribuição destas. Em ano que a área de Economia Aplicada recebe uma bolsa a mais que Desenvolvimento Econômico, o mestrado recebe uma bolsa à menos, invertendo no ano seguinte. No mestrado, geralmente até o quinto ou sexto colocado de cada área recebe bolsa (de 10 ingressantes em cada área). As bolsas são de maioria CAPES, as outras são FAPESB. No doutorado, até o segundo ou terceiro colocado recebe bolsa (de 6 ingressantes em cada área). As bolsas são de maioria FAPESB. Em alguns núcleos de pesquisa os professores têm se esforçado para contemplar alunos com bolsas mediante a participação em projetos de pesquisa. O programa tem conceito 4 junto à CAPES.

Dentro da UFBA, o aluno pode cursar disciplinas em qualquer outro programa de pós-graduação, inclusive já tivemos experiências com alunos cursando disciplinas no Instituto de Matemática e Estatística da UFBA. Além disso, o grupo de Economia Aplicada tem estimulado os alunos a buscarem atividades em programas fora da UFBA. Já tivemos histórico de alunos indo para FEA/USP e FGV-SP, na forma de intercâmbio institucional.

Os principais contratantes dos mestres formados pelo PPGE/UFBA são as instituições privadas de ensino superior e órgãos públicos municipais e estaduais. Após o surgimento do CIDACS, tem-se visto vagas de pesquisador surgindo, seja dentro do CIDACS ou em organizações associadas a ela. Nesses casos, os mestres em economia requisitados são aqueles com experiência em análise e ciência de dados.

A maior parte dos mestres procura ingressar em um programa de doutorado do país. O programa de mestrado tem um bom histórico em emplacar seus alunos nos melhores programas de doutorado do país (FGV-SP, USP, UFRJ, UnB, UFMG, UFRGS e UFPE-PIMES). O programa ainda não tem um histórico de enviar alunos para programas de doutorado fora do país diretamente. Porém, o corpo discente também não tenta. Entretanto, já existem relações institucionais com programas no exterior, e, nos últimos anos, alunos da pós-graduação tiveram experiências internacionais por meio de Doutorado-Sanduiche (University of Illinois, University of York, Australian National University, University of Greenwich, Scuola Superiore Sant'Anna) e Mestrado-Sanduiche (Université Du Luxembourg). A expectativa é que, em um futuro próximo, esses laços se estreitem para que se possa indicar alunos do mestrado direto para um doutorado no exterior.

Visando um programa dos EUA, acredita-se que os professores Gervásio Santos, Rodrigo Oliveira e Gisele Tiriyaki sejam os mais indicados, pelas boas relações que eles mantêm com professores de departamentos dos EUA. Se o interesse for instituições europeias, a carta do professor André Mota foi importante para que dois graduandos conseguissem ingressar em mestrados da Espanha, um deles na Carlos III, de Madri, de forma que se pode esperar que um mestrando que tentasse aplicar para as mesmas instituições poderia ter boas chances de aprovação.

3.4.21 Insper

Importante ressaltar que o Insper não possui programa de mestrado acadêmico. Na seção 4.6 falaremos como se dá o ingresso no programa de doutorado direito da instituição. Ainda assim, as informações apresentadas aqui pode ser relevantes para os que pensam em seguir direto para o doutorado.

O programa do Insper tem conceito CAPES 4 e um viés mais ortodoxo. Todos os alunos recebem uma bolsa de R\$2.350,00 que é paga pela própria instituição, de forma que, em épocas de cortes nos órgãos de fomento do país, o aluno pode ficar mais tranquilo com relação ao financiamento de sua pesquisa. Há três linhas que o aluno pode seguir: microeconomia aplicada, macroeconomia e finanças e estratégia. Sérgio Firpo, Naércio Menezes, Rodrigo Soares, Eduardo Faingold e Ricardo Paes de Barros desenvolvem pesquisa na área de microeconomia, ao passo que os professores Marco Bonomo, Marcelo Santos, Diogo Guillen e Ruy Ribeiro publicam na área de macroeconomia e finanças. Por fim, na linha de estratégia, temos os professores Sérgio Lazzarini, Sandro Cabral, Paulo Furquim e Danny Claro.

Vale ressaltar que o Insper vem contratando ótimos pesquisadores, dado que tem como objetivo se tornar um dos melhores departamentos de economia do país. Mesmo assim, o aluno pode fazer disciplinas em outros programas de pós-graduação que já são reconhecidos, como EESP, USP e EAESP.

Informações sobre a colocação no mercado são inexistentes, pois o programa ainda é bastante recente. Com relação à possibilidade de ter alguma experiência internacional, os alunos podem fazer parte do doutorado em universidades como London School of Economics, University of Toronto, University of Cambridge, University of Utah, University of Illinois, University of Wharton, University of Pennsylvania, University of Bocconi, etc.

3.4.22 UFJF

O Programa de Pós-Graduação em Economia da UFJF tem um perfil mais ortodoxo e conceito CAPES 5. Dependendo da disponibilidade, todos os alunos podem obter bolsas ao ingressar no programa (como ocorreu na seleção de 2020).

As pesquisas do PPGE versam sobre os mais diversos temas, inseridos na grande área de “Desenvolvimento Econômico e Social”, tendo como foco as sub-áreas: comércio intra-indústria, políticas antidumping, papel do espaço no sistema econômico, empreendedorismo e base tecnológica, finanças corporativas, desenvolvimento regional, setor energético, sistemas computacionais de apoio à decisão, migração, educação, economia da saúde, mercado de trabalho, defesa da concorrência, análise de conflitos estratégicos, desenvolvimento econômico local, economia dos serviços e arranjos produtivos locais. É possível encontrar abertura pra pesquisa na área de macroeconomia, política monetária e transparência do Banco Central, entretanto, o foco é maior para as sub-áreas voltadas à microeconomia aplicada.

O programa conta com uma série de professores atuando, como foi dito acima, especialmente na área de microeconomia aplicada. Na área de econo-

mia regional e urbana, temos os professores Admir Antonio Betarelli Junior, Eduarado Gonçalves, Eduardo Simões de Almeida, Fernando Salgueiro Perobelli, Suzana Quinet de Andrade Bastos, Eduardo Gonçalves e Rosa Livia Gonçalves Montenegro. Já na área de métodos e modelos matemáticos, econométricos e estatísticos temos os professores Marcel de Toledo Vieira, Weslem Rodrigues Faria, Rogério Silva de Mattos e Rafael Morais de Souza.

Em microeconomia aplicada temos os professores Ricardo da Silva Freguglia, Flávia Lúcia Chein Feres, Laura de Carvalho Schiavon e Flaviane Souza Santiago. Na área de macroeconomia e finanças temos os professores José Simão Filho e Fernanda Finotti Cordeiro. Por fim, nas áreas de economia internacional e organização industrial temos, respectivamente, os professores Claudio Roberto Fóffano Vasconcelos e Silvinha Pinto Vasconcelos.

É possível cursar disciplinas em outros programas de pós-graduação, desde que haja uma autorização do colegiado. Com relação à empregabilidade, grande parte dos egressos ou ingressam em cursos de doutorado ou se inserem no mercado privado ou público. Há egressos trabalhando no setor bancário, nos IFETs, em empresas privadas, em órgãos de administração pública. A maior parte acaba indo para o mercado do eixo Rio-São Paulo.

Por fim, a inserção de alunos em doutorado no exterior ainda é recente. Há, contudo, alguns casos: uma aluna com doutorado já concluído em Southampton e outro na West Virginia University.

3.4.23 UEPG

O mestrado em economia da UEPG é relativamente novo, primeira turma de 2017. Tem viés ortodoxo, mas há como trabalhar algumas pesquisas mais heterodoxas. Fica localizado em Ponta Grossa-PR, no campus central da universidade. O programa é CAPES 3 e oferece poucas bolsas, de 2 a 3 dependendo do ano, mas só pra quem escolher o centro na hora da inscrição na ANPEC, quem for chamado e não escolheu a UEPG não terá bolsa. A infraestrutura é ok, porém o departamento é pequeno, mas há sala de informática e sala de permanência para os pós-graduandos e não há ar-condicionado, o que numa aula a tarde no verão pode ser um pouco incômodo mesmo sendo na região sul do Brasil. A biblioteca funciona das 8:00 às 21:00 e o RU custa R\$ 3,80 com almoço e janta. A cidade de Ponta Grossa tem boa infraestrutura, e os R\$ 1500 da bolsa servem para pagar as contas, e como o campus da UEPG está no centro da cidade, há apartamentos e pensionatos a poucas quadras da universidade e há a Santa Casa, mercados e etc.

As áreas de concentração são teoria econômica e economia aplicada. Em teoria econômica temos o professor Hermes, que pesquisa na área de macroeconomia da complexidade numa pegada heterodoxa com simulações computacionais. Macro ortodoxa temos o professor Celso que pesquisa DSGE e o professor Karlo na área de economia monetária. Em economia aplicada temos na área de econometria espacial o professor Alysson, junto com o professor Alex, que também tem condições de orientar em economia internacional. Professora Augusta trabalha com economia regional, econometria espacial, desigualdade

e pobreza, e a professora Luma com macroeconomia de séries temporais com ênfase em curva de Philips. Professor Renato pesquisa economia agrícola e Cárilton pode orientar tanto na área agrícola quanto em modelos computáveis de equilíbrio geral aplicados.

Como o programa é novo, nem todos das primeiras turmas conseguiram aplicar pro doutorado. Duas alunas conseguiram USP/ESALQ (muitos professores do centro fizeram doutorado lá, o que pode ajudar conseguir uma vaga) e outro aluno entrou FEA-USP. Mas a base do curso é sólida e pode sim colocar o futuro mestre num doutorado bom.

3.4.24 PCE/UEM

Localizado em Maringá - PR, o Programa de Pós-Graduação em Economia da UEM é relativamente bem consolidado, tendo iniciado suas atividades em 1995 e aberto sua primeira turma de doutorado em 2010. Possui conceito CAPES 4 e oferece bolsas para aproximadamente metade das turmas, tendo uma vaga de seleção interna para mestrado e uma para doutorado direto, oferecida ao final do primeiro ano de mestrado, que não concorrem a bolsa. Infraestrutura boa, com ar condicionado em todas as salas, laboratório de informática e sala de estudos no prédio principal, e laboratórios novos em outros prédios. Infelizmente, os computadores disponíveis dos laboratórios estão em más condições. A universidade conta com uma biblioteca grande e RU, com almoço e jantar por R\$ 4,50 a refeição. A cidade de Maringá tem uma boa estrutura e a Zona 07, bairro adjacente à UEM, é próxima ao centro e com boas opções de moradia e pensionatos.

O programa tem um viés ortodoxo e houve uma saída relativamente recente de professores heterodoxos. É um programa notável pelas pesquisas em economia agrícola, alguns tópicos de economia aplicada e metodologias específicas. Por exemplo, a professora Cássia em economia da saúde, professora Marina em economia do trabalho, educação e avaliação de políticas públicas, professor Ricardo em matriz insumo-produto e equilíbrio geral computável e professor Parré em econometria espacial. Em macroeconomia, o professor Marcos desenvolve pesquisas sobre economia brasileira e política macroprudencial, a professora Maria Helena em economia monetária e o professor Gilberto em economia internacional. Em áreas mais heterodoxas, a professora Sandra trabalha com economia institucional e cadeias de produção, e o professor Antônio Carlos, com desenvolvimento regional. Os professores Alexandre e Michellon são bastante abertos a pesquisas diversas.

Acredito que o programa oferece uma base boa para doutorado em outros programas e carreira acadêmica, com uma exigência considerável em disciplinas quantitativas e um bom conjunto de métodos. A oferta de disciplinas eletivas é um pouco limitada e vários alunos tiveram que complementar em outros programas, mas o corpo docente cresceu recentemente e isso deve melhorar.

3.5 Como escolher os centros?

Talvez, o fator mais importante seja o viés metodológico que você deseja trabalhar. Não adianta ser heterodoxo e ir para centros como FGV e Puc-Rio, pois é bastante provável que tenha dificuldade para encontrar algum orientador e disciplinas que te agradem. O mesmo vale para um economista ortodoxo, que vai cursar o mestrado na Unicamp. Logo, tenha em mente a linha que você quer seguir ao escolher os centros.

Às vezes, mesmo sendo forte na sua linha metodológica, o centro não tem muitos pesquisadores publicando ou que possam orientar um tema específico. Por isso, vale a pena perder um pouco de tempo, olhando no site da instituição, quais são as especialidades de cada professor.

Garantia de bolsa é algo bastante relevante. Tanto a bolsa da CAPES como a do CNPq é de R\$1.500,00 e, como foi dito no item anterior, nem todos os centros oferecem bolsa a todos os candidatos no início do programa. Ao longo do curso, dependendo das regras de cada instituição, fica mais fácil ou difícil obter bolsa. Por exemplo, em programas como o da UFRJ e da UFF, caso o aluno não passe em alguma matéria, a bolsa é repassada para outro aluno do programa. Além disso, é possível obter bolsa como assistente de pesquisa em algum grupo de pesquisa da instituição, trabalhando no Ipea, na FGV, no CPI.

O peso da bolsa fica ainda maior quando se leva em conta o custo de vida. Algumas pessoas acabam escolhendo centros fora do Rio de Janeiro e isso, pra pagar as contas, pode ser bom ou ruim. Se o candidato for para São Paulo, custos como aluguel, alimentação, transportes, etc. devem ser levados em consideração. Algumas cidades menores e que contam com alguns bons programas de pós-graduação, como Piracicaba, Ribeirão Preto, Viçosa e Juiz de Fora possuem custo de vida inferiores ao de outras grandes cidades.

Finalmente, se você pretende seguir para um doutorado no exterior, é importante saber se o programa tem capacidade de enviar alunos pra fora. Programas em que os professores estejam publicando em boas revistas internacionais e que tenham mandado alunos pra fora devem estar na sua lista. O “Top 4” manda muitos alunos pra fora, assim como a UnB e UFPE. Já programas como o da UFRJ e UFF têm menos tradição, mas têm capacidade de te colocar em algum bom programa de doutorado no exterior, assim como outros centros CAPES 5 e 6, especialmente se você fizer (e mandar bem) matérias como aluno externo na FGV e na Puc.

3.6 Políticas de ação afirmativa

Nem todos os programas preveem a reserva de vagas para políticas de ação afirmativa, dos que adotam essa medida não há uma padronização com relação a modalidades, critérios nem implicações da opção por essas vagas. Vale destacar que, maiores informações sobre cotas devem sempre ser verificadas nos editais divulgados por cada centro.

A reserva de vagas no PPGCE/Uerj é destinada essencialmente a candidatos comprovadamente carentes, sendo 12% para estudantes graduados negros e

indígenas, 12% para graduados da rede pública e privada de ensino superior e 6% para pessoas com deficiência, filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão do serviço. Os candidatos interessados em concorrer a essas vagas deverão preencher os formulários de carência socioeconômica, bem como os documentos comprobatórios dessa condição e da opção de cota a serem entregues no ato da inscrição, que ocorre após a divulgação do resultado da Anpec.

O PPGE/UFF adota a reserva de vagas destinadas a candidatos negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência. A opção por concorrer às vagas reservadas ocorre após a divulgação da lista de resultado da instituição, através do preenchimento de autodeclaração enviada a todos os candidatos constantes nesta lista. Vale observar que, na prática, não há acesso diferenciado aos optantes pela cota, uma vez que todos os candidatos que compõem a classificação final da instituição costumam ser convocados.

A Unicamp reserva 20% de suas vagas para candidatos negros (pretos e pardos), com nacionalidade brasileira. Quem desejar concorrer a essas vagas deverá enviar autodeclaração, conforme modelo proposto no edital de seleção, para a instituição. O envio da declaração em questão é realizado antes da aplicação do exame. O centro adota notas de corte diferentes para optantes e não optantes a reserva de vagas, em virtude disso o resultado do processo seletivo é divulgado em duas listas de classificação. Vale mencionar que os candidatos optantes terão acesso prioritário a bolsas, além de poderem pleitear o acesso a todos os programas do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE).

A opção por concorrer à reserva de vagas no PPGEA/UFV é feita após a divulgação do resultado da Anpec, sendo permitida a concorrência a essas vagas apenas por candidatos que ocuparam as 800 primeiras posições na classificação geral do exame. A manifestação de interesse em concorrer às vagas reservadas aos negros (pretos ou pardos) e indígenas ou às pessoas com deficiência, dar-se-á através de autodeclaração, enviada por e-mail à secretaria do Programa.

Os candidatos que optarem pela reserva de vagas no Cedeplar/UFMG precisam enviar uma autodeclaração étnico-racial, de pessoa com deficiência ou auto reconhecimento indígena, juntamente com outros documentos, no ato da inscrição, que ocorre antes da realização da prova Anpec. As instruções sobre os documentos a serem enviados, assim como orientações quanto ao seu envio, variam de acordo com a modalidade de cota a ser pleiteada.

3.7 Como se preparar?

O primeiro ponto importante é: se preparar para Anpec demandará tempo. Isso significa que o ideal é você não destinar muito tempo para outras atividades como estágio ou até mesmo matérias da faculdade. O recomendado é começar os estudos para a prova a partir de janeiro, com isso terá tempo suficiente para fazer tudo com calma. Como a prova é no final setembro, você terá disponível 9 meses para se preparar. Caso isso não seja viável, estudar a partir de junho já é suficiente para conseguir um bom resultado, mas lembrando que o cronograma

de estudos será mais rígido.

Uma ferramenta muito boa que pode ser utilizada são os cursos preparatórios. No Rio, temos três cursos disponíveis: CORECON, CATE-UFRJ e FGV. São cursos ótimos que realmente valem a pena ser feitos. Os cursos ajudam muito com entendimento de algumas matérias que normalmente não são vistos da forma adequada na graduação, principalmente os tópicos da prova de matemática e estatística. Além disso, você não terá que se preocupar em fazer resumos das matérias, já que os cursos disponibilizam material de estudo e isso poupa bastante tempo. O único problema desses cursos é o custo elevado. Caso seja viável é recomendado fortemente que pegue todas as matérias. Se não for possível pagar o curso, vale a pena fazer um esforço para pegar as matérias de matemática e estatística que são as mais complicadas da Anpec.

Caso não seja possível pagar nenhum curso você vai ter que gastar um certo tempo fazendo resumos e revisando as matérias. Para saber quais livros consultar, no edital da Anpec está disponível a bibliografia sugerida com todos os livros. Há alguns cursos online, como o da Cecília Menon e o AproBI. Um canal do YouTube muito bom para matemática é o **Matemática Universitária** do professor Renan Lima, que é professor do ITA e é doutor pelo Impa.

Terceiro ponto são os livros de exercício. Sim, existem livros para apenas fazer consulta da matéria/resumos e outros livros para exercícios. Os livros são da editora Elsevier. Eles são essenciais e não se preocupe com o custo, pois após a prova é muito fácil vender os mesmos. Por isso, compre todos eles da edição mais recente. Nesses livros estão questões resolvidas de provas de vários anos divididos por tópicos. Observe os tópicos de cada matéria nesses livros e se guie por eles. Toda vez que terminar de revisar esses tópicos vá para o livro fazer os exercícios na ordem. Depois que terminar os livros resolva os exercícios mais duas vezes. Não estou brincando. Essa prova possui padrões e as questões são bem semelhantes de um ano para o outro. Logo você tem que se acostumar com o formato da prova e ganhar agilidade para resolver os exercícios. **POR FAVOR, NÃO GASTE TEMPO FAZENDO EXERCÍCIOS DE OUTROS LIVROS, FAÇA APENAS OS EXERCÍCIOS DOS LIVROS DA ELSEVIER.**

O outro ponto são os simulados. Se você começou os estudos em janeiro terá um pouco de vantagem nessa parte. É recomendável que toda a matéria já tenha sido vista até agosto, a partir daí faça os simulados e fique revezando junto com os livros da Elsevier. Os simulados são importantes pois a partir deles você terá noção de quanto tempo você está gastando para fazer as provas e em quais pontos você está com mais dificuldade. Identificando os pontos de dificuldade nos simulados você pode fazer um reforço nesses tópicos para melhorar o seu resultado. Tente fazer os simulados sempre respeitando o tempo de 2h e no caso de economia brasileira 3h.

Por fim, é necessário observar que existe uma pequena diferença entre a preparação de pessoas que querem centros ortodoxos de centros heterodoxos. Para os candidatos que querem centros ortodoxos é necessário um esforço maior em matemática. Para os candidatos de centros heterodoxos é necessário um esforço maior em economia brasileira, já que centros como Unicamp e UFRJ, economia brasileira representa uma parte considerável da nota. Para os centros

heterodoxos é essencial observar toda a bibliografia que será utilizada na prova, enquanto os candidatos dos centros ortodoxos apenas ler o Economia Brasileira Contemporânea do Fabio Giambiagi será suficiente.

3.8 Resultados

O primeiro gabarito sai logo, mas normalmente com erros e isso pode mudar a sua nota. Algum tempo depois, a sua pontuação geral e a classificação geral é liberada no site da Anpec. Em novembro, os centros começam a ligar e enviar email. Participar do grupo da Anpec no Facebook pode ajudar muito, uma vez que os candidatos divulgam suas notas na planilha compartilhada e avisam quando os centros começam entrar em contato.

Na planilha compartilhada, alguns candidatos colocam as notas de suas provas, preferências de centros e classificação com e sem as notas de economia brasileira. Os resultados desse planilha servem como uma *proxy* para o ranking oficial que será liberado posteriormente pela Anpec. Ajuda bastante para saber suas chances em cada centro.

É importante que você converse o máximo com os coordenadores da pós-graduação, que geralmente são quem fazem as ligações e compareça às apresentações dos programas. Isso porque é possível conversar com alunos e professores do programa, bem como ter uma ideia das chances de obter bolsa (caso ela ainda não esteja garantida, dada sua posição). Também é durante esse contato que é possível ter ideia do custo de vida da cidade, dificuldade do curso e outras informações mais específicas passadas pelos próprios alunos da pós.

3.9 Não passei para o centro que eu queria. E agora?

Não passar de primeira para o centro desejado é mais comum do que você pensa, especialmente quando o foco está no Top 4. O exame da Anpec é bastante exaustivo e consome quase um ano interior de estudo, de forma que nem todos têm “disposição” para repetir o processo. Até porque, há ótimas alternativas *second-best* de centros.

Caso você queira desenvolver pesquisa com viés ortodoxo e não tenha passado para a USP, FGV e Puc, há algumas boas opções. Se o seu interesse for em microeconomia aplicada ou teórica, ou até mesmo macro teórica a UFRJ pode ser uma ótima opção. Além de contar com alguns professores com publicações nessas áreas, o grupo de Economia Quantitativa está fornecendo inúmeras disciplinas com viés ortodoxo (micro, macro, econometria, etc.).

Outro ponto relevante é que é possível fazer 1/3 do programa em outras instituições, como Puc e FGV. Estas recebem muito bem alunos de outros programas para cursar boa parte de suas disciplinas. O custo de entrada é ter que cursar as disciplinas de macro e microeconomia heterodoxas.

Caso o seu interesse seja macroeconomia aplicada, os professores do CEMAFIN da UFF, além de orientarem muitos alunos, fornecem disciplinas na área. Além disso, é possível cursar matérias em outros programas, mas menos

do que na UFRJ. É importante ressaltar que ficar no Rio, ou em São Paulo, tem inúmeras vantagens.

A possibilidade de cursar disciplinas em outros programas é uma delas. É possível, se ficar no Rio, além do mais, trabalhar como assistente de pesquisa no Ipea, ou em algum grupo de pesquisa, durante o mestrado e trabalhar no **Climate Policy Initiative** (comandado pelo professor Juliano Assunção da Puc e que desenvolve trabalhos em agricultura, meio ambiente e crédito agrícola). Caso queira ficar em São Paulo, como foi dito anteriormente, alguns centros de lá permitem que você curse matérias em outros programas. Há, além disso, centros de pesquisa renomados em São Paulo, como a FIPE.

UnB, UFPE, UFJF, USP-RP, ESALQ, etc. contam com ótimos programas de mestrado. Contudo, você deve levar em conta que vai ser muito difícil fazer esse intercâmbio entre centros de pesquisa que é possível aqui no Rio. Dessa forma, você acaba ficando isolado em um centro muito bom.

Caso você queira algo mais heterodoxo e não tenha passado para, por exemplo, a Unicamp, a UFRJ, como foi dito antes, seria uma ótima opção pra você, assim como a UFF. A recomendação de ficar no Rio de Janeiro é a mesma, de forma que você pode desfrutar da forte ligação entre os programas da UFF e da UFRJ. Isso porque, os dois institutos possuem grupos de estudo conjuntos (como o de energia), o que facilita o trânsito entre os dois programas.

Por fim, escolha bem os seis centros pensando na possibilidade de não passar para o que você mais deseja. Ter apenas uma opção é muito arriscado e não adianta tentar ir para um centro que você não colocou como opção. Alguns, para os quais você não demonstrou interesse, até te chamam. Contudo, para muitos centros CAPES 7 e 6 isso não acontece.

Há, inclusive, uma história muito famosa sobre um candidato que só queria passar para os centros Top 4 e colocou como opções apenas estes. Ele acabou não passando em nenhum dos quatro e enviou um email para o coordenador do programa da UFF dizendo que sempre teve o sonho de fazer o mestrado lá. O meio acadêmico não é grande e, além de receber a negativa do coordenador, essa história passou a circular bastante. Portanto, não caia na besteira desse candidato e tenha mais de um plano.

4 Alternativas: só tem a Anpec?

Fazer e se preparar para a prova da Anpec está longe de ser trivial. Além do mais, algumas pessoas podem estar interessadas em temas específicos, como: finanças, marketing, matemática, políticas públicas, etc. É possível, dessa forma, obter um diploma de mestrado acadêmico em áreas que tenham alguma relação com a economia. Separamos aqui alguns programas que podem ser interessantes.

4.1 COPPEAD/UFRJ

O processo de entrada é bem simples. Consiste basicamente em se classificar com sua nota em alguns exames. São duas opções, ou você faz o exame da ANPAD

e um exame de proficiência em inglês como o TOEFL, ou você faz somente a prova do GMAT. Vale lembrar que o mestrado é inteiramente em inglês, fora uma optativa ou outra em português. Se houver interesse em fazer o intercâmbio, há universidades que pedem um exame de proficiência em inglês como requisito.

Com suas notas, você se inscreve no processo seletivo e espera sua classificação no ranking de entrada. Esse primeiro ranking orientará a distribuição das primeiras bolsas, então quanto mais alta sua nota, melhor.

Todos recebem bolsa, mas não necessariamente começam a receber ao mesmo tempo. Há um número fixo de bolsas para a COPPEAD, que são liberadas conforme os alunos vão se formando. Os primeiros colocados no ranking são os primeiros a receber as bolsas. O valor da bolsa é de R\$1.500. É possível conseguir bolsas de pesquisa com alguns professores – a partir do 2º período (cada um dura cerca de 10 semanas) é possível pegar disciplinas eletivas.

O mestrado da COPPEAD é bastante generalista, que, apesar de ser acadêmico, se denomina *Full Time MBA* e já saiu algumas vezes bem colocado nos rankings do Financial Times, além de ser nota 6 na CAPES. Lá dentro, há 4 linhas de pesquisa: i) Finanças, ii) Estratégia, iii) Operações e iv) Marketing. É possível seguir qualquer uma das linhas puxando matérias eletivas em cada uma delas. A grande maioria dos alunos já sai da COPPEAD empregado. Durante o curso há diversos *touchpoints* com o mercado de trabalho, muitas vezes surgindo oportunidades antes mesmo do fim do curso. É o caso do *Multicultural Projects*, onde, durante 10 dias, nos unimos com alunos da Universidade de San Diego e realizamos um projeto de consultoria junto a empresas. Além disso, temos o *Summer Job*, onde, por 10 semanas, é possível trabalhar em alguma empresa (algumas oferecem vagas exclusivas para alunos da COPPEAD, outras têm seu próprio programa) e receber por isso. Por fim, temos a *Career Week*, quando diversas empresas vão até a COPPEAD e abrem as portas para visita também, fortalecendo o *networking* e apresentando oportunidades. Alunos da COPPEAD também conseguem pular etapas em alguns processos seletivos, de consultorias, por exemplo.

No segundo semestre do segundo ano do mestrado é possível fazer intercâmbio pela COPPEAD. É preciso estar com a dissertação ao menos 70% concluída. São diversas universidades parceiras no mundo todo, e o normal é que sobrem vagas, pois costuma ter mais vagas do que alunos interessados. Algumas das parceiras são: Wharton, CEIBS, Universidade de San Diego, Universidade de Sidney, Bocconi, Rotterdam School of Management, IE, entre outras. Os períodos de intercâmbio podem variar de 10 semanas a 6 meses. É obrigatório puxar um mínimo de créditos na universidade de destino. Não é necessário pagar nenhum tipo de *tuition*, mas você deverá bancar suas despesas no local que for e sua passagem, além de correr atrás de burocracias como visto.

Para a seleção das vagas nas universidades é usado o ranking: os alunos com maiores notas nas disciplinas obrigatórias têm a preferência para escolher suas universidades de destino primeiro.

4.2 EPPG/FGV

O programa de Políticas públicas e Governo da EPPG/FGV é localizado em Brasília-DF. Têm professores em áreas de pesquisa em Políticas Públicas - Avaliação de políticas públicas como a Tássia Cruz, Economia Comportamental com Benjamin Tabak, teoria dos jogos com Gil Riella e Governo - Transparência e Governança Pública com o professor Fernando Filgueiras. Ainda não é possível fazer disciplinas em outras unidades da FGV, mas planejamos que isso seja possível no futuro.

Os alunos podem pleitear bolsa integral caso tenham disponibilidade para ser aluno em tempo integral. Outras bolsas (parciais ou integrais) são oferecidas caso a caso.

É um programa de viés ortodoxo. Entretanto, este é um programa de políticas públicas e governo, então muitos professores não são economistas e, portanto, não se encaixam nessa qualificação.

Ainda não há muitas estatísticas de empregabilidade, já que primeira turma irá se formar em dezembro de 2020 e o programa iniciou em 2019 com objetivos de formar Mestres altamente qualificados, preparados para cursarem um Doutorado e tem potencial para enviar alunos para fazer Doutorado fora do país.

4.3 PPED/UFRJ

O Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, do Instituto de Economia da UFRJ é **interdisciplinar**, amplo e plural. O programa possui conceito CAPES 4 e foi reestruturado recentemente. Atualmente, ele possui 4 linhas de pesquisa: desigualdade, políticas de bem-estar e capacidades estatais; sustentabilidade e governança ambiental; instituições, regulação e mudança institucional; inovação e propriedade intelectual.

O mestrado no ano de 2019 ofereceu 6/7 bolsas e entraram 10 alunos. Já no ano de 2020 entraram 15 alunos. Ao longo do processo seletivo, o aluno já escolhe sua linha de pesquisa, normalmente a que tem maior demanda é a primeira linha. Mas a escolha da linha de pesquisa não restringe o aluno a cursar matérias de outras linhas.

O processo seletivo para o mestrado é composto por três etapas: a primeira, apenas de caráter eliminatório é de proficiência em língua inglesa; a segunda é uma prova escrita, com peso 7; e, a terceira engloba avaliação do histórico escolar, do curriculum vitae e do plano de estudos, além de uma arguição oral sobre temas correlatos ao plano de estudos, essa etapa tem peso 3.

A empregabilidade é bastante interessante, uma vez que os alunos podem seguir para o doutorado, preencher posições no setor público e privado. Há alunos que foram para Secretaria Municipal de Transportes do Rio de Janeiro, assim como para o Centro Brasil no Clima.

4.4 IPPUR/UFRJ

Com nota CAPES 6, o mestrado em Planejamento Urbano e Regional está subdividido em linhas de pesquisa que relacionam planejamento e estruturação urbana e metropolitana, história, cultura, meio ambiente, tecnologia, território e desenvolvimento regional.

Este programa adota um processo seletivo composto por quatro fases: prova de conhecimentos; prova de língua estrangeira, que pode ser inglês ou francês e consistirá na tradução de textos para o português; apreciação do histórico escolar, curriculum vitae e memorial, contendo experiências profissionais e informações sobre interesses, disponibilidades e expectativas associadas ao mestrado; e, entrevista. A prova de língua estrangeira é apenas de caráter eliminatórias, enquanto as demais são eliminatórias e classificatórias.

O fato do programa ser bastante interdisciplinar ajuda bastante o aluno circular entre muitas áreas, especialmente para os que têm interesse em seguir para temas voltadas à área de energia e sustentabilidade.

4.5 Ebape/FGV

Com conceito 7 pela CAPES, o mestrado acadêmico em administração da EBAPE conta com com quatro linhas de pesquisa:

a) Ciências Comportamentais e de Tomada de Decisão: com foco nos processos de tomada de decisão dos agentes a nível individual, esta linha de pesquisa é constituída por um grupo interdisciplinar de professores, cujo principal objetivo consiste em compreender como os indivíduos tomam decisões em contextos relevantes para empresas e governos. Os tópicos discutidos nesta linha incluem, por exemplo, o comportamento do consumidor, o comportamento financeiro, e o comportamento dos gerentes e trabalhadores nas organizações.

b) Estratégia, Gestão e Organizações: com foco nos processos no nível organizacional, esta linha de pesquisa busca compreender fenômenos de gestão em organizações tanto no âmbito público quanto no âmbito da gestão corporativa. Os tópicos discutidos nesta linha incluem teoria das organizações, estratégia competitiva, internacionalização, governança e controle, cultura organizacional e processos de gestão.

c) Finanças: esta linha abrange uma série de disciplinas que proporcionam estudo aprofundado de questões fundamentais em Finanças Corporativas, Avaliação de Ativos, Sistema Bancário, Contabilidade e Tomada de Decisões Financeiras.

d) Instituições, Política e Governo: com foco no nível institucional e no processo de formulação de políticas, esta linha abrange o estudo de instituições políticas, política pública e governo em uma perspectiva comparada. A questão fundamental abordada por esta linha é: “Como e quando instituições políticas afetam resultados relativos ao governo, formulação de políticas e políticas públicas?”. Utilizam-se ferramentas teóricas e metodológicas da economia política comparada para investigar o funcionamento de instituições políticas, sistemas políticos e o processo de formulação de políticas, assim como seu efeito nas políticas públicas e desempenho econômico.

O processo seletivo consiste em duas fases: exame de currículo e uma entrevista, em inglês. Na primeira fase é necessário apresentar a classificação e nota em algum dos seguintes exames: GMAT (pontuação mínima: 600, validade: 3 anos), GRE (pontuação mínima: 155 em Raciocínio Verbal, 155 em Raciocínio Quantitativo, validade de 3 anos), ANPAD (percentil mínimo: 90%, validade de 2 anos), ANPEC (percentil mínimo: 90%, validade de 2 anos). Como o programa é inglês, o mesmo exige que você apresente a classificação mínima e nota em alguma dessas provas no idioma em questão: IELTS ACADEMIC (pontuação mínima: 6.5), TOEFL IBT (pontuação mínima 90), Cambridge CEFR (pontuação mínima: C1).

Dado que o programa é acadêmico, vale ressaltar que o mesmo é gratuito e os alunos podem receber bolsa.

4.6 Impa

O curso de mestrado em economia matemática do Impa é conhecido por ser bastante teórico. No passado, o professor Aloísio Araújo comandava o programa e o mesmo formou inúmeros economistas que seguiram tanto para o doutorado na própria instituição como no exterior. A forma de ingresso no programa, porém, está bem longe de ser trivial.

Todo ano, o Impa fornece cursos gratuitos durante o verão. Estudantes de todo país chegam ao bairro do Horto, no Rio de Janeiro, onde fica a sede do instituto, para ter cursos de análise na reta, economia matemática, computação gráfica, etc. O curso de análise é usado como forma de selecionar economistas que desejam fazer o mestrado ou doutorado por lá.

Caso o aluno obtenha uma nota considerada satisfatória, o mesmo poderá ser convidado para ingressar no programa de pós-graduação. O problema é que o curso de análise do Impa está longe de ser simples, especialmente para nós que não tivemos uma boa base matemática durante a graduação. Sem contar que todo conteúdo que é dado em três meses é visto nos cursos de graduação em matemática em, no mínimo, um período ou dois.

Por fim, alguns professores são mais difíceis do que outros. Como o instituto trabalha com conceitos (A, B, C e D) e não com notas, um B com um professor pode não ser suficiente para ingressar no programa, ao passo que um B com outro professor já pode ser o suficiente. Para mais informações sobre o programa, vale a pena conversar com a professora Carolina Parra, que fez o mestrado e o doutorado dela no Impa.

4.7 Doutorado direto

Alguns centros de pós-graduação, passaram a notar que muitos alunos não estavam seguindo para o doutorado onde cursaram o mestrado, para fazer o doutorado no exterior. O Insper e a EPGE/FGV contam com programas de doutorado direto, onde todos os alunos ganham bolsa e têm duração média de cinco anos. A forma de ingresso também é fazendo o exame da Anpec, sendo que o Insper convida os 80 primeiros colocados no exame para cursar o seu programa.

O ritmo de uma pós é muito mais intenso do que o aluno de graduação está acostumado, de forma que começar direto com o doutorado pode ser bastante arriscado. Sem contar que são poucas as pessoas que estão 100% certas de que querem seguir por mais cinco anos estudando. É possível, por outro lado, poupar dois anos ao se adotar a estratégia em questão. Ao todo, ao invés de ficar sete anos estudando (mestrado + doutorado) seria possível ficar apenas cinco.

4.8 Exterior

Aplicar para algum programa de pós-graduação no exterior também está longe de ser algo trivial. Antes de mais nada é preciso fazer uma diferenciação entre os programas europeus e dos Estados Unidos. Na Europa é comum o aluno terminar a graduação e fazer dois anos de mestrado e três de doutorado, caso mesmo passe nas provas do período de mestrado. O problema é que poucas instituições dão bolsa para esse período de mestrado, especialmente para alunos estrangeiros. Sem contar que, diferente do Brasil, muitos programas cobram mensalidade.

Diferente dos programas europeus, no Canadá e no EUA, os alunos terminam a graduação e vão direto para o PhD. Na prática, ele funciona como os programas europeus. Durante os dois primeiros anos, o aluno cursa algumas matérias obrigatórias e, caso passe nas provas, pode seguir para o período de doutorado. É mais comum conseguir bolsa e não pagar mensalidade nesse tipo de programa.

O problema é que entrar em um bom programa apenas com a graduação não é trivial. Para se ter uma ideia, brasileiros que foram fazer mestrado em Chicago, Harvard e MIT estavam entre os melhores das turmas de mestrado na Puc e FGV. Dessa forma, seria necessário mirar em instituições fora ou no final do “**Top 100**”. Um bom *application* é composto de uma nota bem alta na parte de matemática (o nível do ensino médio) do Graduate Record Examinations (GRE), assim como uma nota elevada do International English Language Testing System (IELTS) ou Test of English as a Foreign Language (TOEFL) e um CR maior ou igual a oito (esse ponto é bastante relevante também).

Cartas de recomendação (pelo menos duas) também são importantes. Professores com publicação em boas revistas no exterior e que tenham feito pós fora podem ser de grande valia. Por fim, uma carta de motivação bastante contundente. O fato de ter trabalhado em alguma instituição de pesquisa, como Ipea, IBGE, FGV, etc. também funciona como um bom sinalizador para o comitê de seleção. Além disso, obter cartas de recomendação de alguns dos professores/funcionários que sejam conhecidos dessas instituições também pode ser interessante.

Todas essas provas têm um custo não desprezível em dólar. Você pode mandar seus resultados de graça para até quatro universidades, mas caso você queira mandar para outras terá que arcar com um custo marginal de U\$47,00 e um *application fee*, que pode custar mais de U\$100,00. Enviar os resultados para, pelo menos, 15 universidades aumenta muito suas chances de ingressar em algum programa. Ter publicado algum artigo ou ter participado de um projeto de pesquisa tem algum peso, mas não é tão relevante como os outros pontos que

foram discutidos anteriormente.

Não vou mentir, essa estratégia é bastante sedutora por não ser preciso fazer a prova da Anpec. Ainda assim, a sinalização que você vai dar para as universidades do exterior te chamarem pode não ser o suficiente. Há, portanto, um risco não trivial nessa estratégia. Algumas pessoas conseguem, mas dificilmente obtêm bolsa e acabam tendo que tirar do próprio bolso a grana pra se manter lá fora.

Finalmente, existe outras duas formas de fazer mestrado fora e que talvez tenha um risco menor do aplicar diretamente para alguma universidade. Caso você queira seguir para um programa com viés mais ortodoxo, existe o **Erasmus Mundus Joint Master Degree in Economics: Master QEM - Models and Methods of Quantitative Economics**. É basicamente um consórcio formado por quatro universidades: Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (França), Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha), Universität Bielefeld (Alemanha) e a Università Ca' Foscari Venezia (Itália). Todo programa é oferecido em inglês.

Caso você queira seguir em uma linha mais heterodoxa é possível aplicar para o programa **Economic Policies for the Global transition - Erasmus Mundus Joint Master Degree**. Nesse caso, boa parte do programa também é inglês, mas as universidades participantes são outras: Université de Paris XIII (França), Berlin School of Economics and Law (Alemanha), Università di Torino (Itália), University of the Witwatersrand (África do Sul), Kingston University (Reino Unido).

Dependendo do programa, você cursa o primeiro ano ou na Université Paris 1 ou na Université de Paris XIII. É possível, posteriormente, fazer o resto do mestrado em outra instituição que esteja participando do consórcio. Ao final do programa, você receberá um diploma conjunto (de mais de uma instituição) de mestrado. O problema é que há cobrança de *tuition fee* e não há bolsas para todos os candidatos.

Um ponto que poucos levam em consideração, mas que é de extrema importância é o custo de vida e a sua rotina no país. Muitas vezes, sites e depoimentos sobre quanto custa o transporte público, alimentação, aluguel, etc. podem vender uma realidade muito diferente do que você vai encontrar quando chegar ao país. O sistema de saúde também é algo bastante relevante, pois você pode ter uma gripe simples, até um problema mais sério (especialmente para os que já tem algum problema de saúde). Por mais que países desenvolvidos sejam tidos como exemplos de saúde públicas, principalmente os nórdicos, na prática, a lentidão para marcar exames e ser atendido pode ser tão ruim como o SUS. Portanto, pesquise bem sobre tudo isso, antes de aplicar.

As relações que você vai desenvolver também são bastante relevantes. Vai notar que ter colegas que te ajudam e se divertem com você no mestrado é um ativo de valor inestimável. Em alguns países, onde as pessoas tendem a ser mais frias e há poucos estrangeiros, estabelecer amizades pode não ser tão fácil. Além disso, programas onde os candidatos são muito competitivos, não estudam juntos e não compartilham material pode também ser algo bastante ruim para o seu desempenho.

5 É possível trabalhar e fazer mestrado ao mesmo tempo?

Essa é uma dúvida bastante comum, uma vez que sempre aparece quando conversamos sobre mestrado acadêmico com alguns alunos que desejam trilhar esse caminho. No geral, não é possível fazer mestrado e trabalhar. Alguns funcionários públicos conseguem pedir licença para fazer o mestrado e outros conseguem tornar sua rotina de trabalho mais flexível, de forma a encaixar o mestrado nos seus afazeres.

O mestrado exige uma dedicação muito grande, porque, por mais que você “só” faça três matérias, elas demandam muita leitura e estudo. A linguagem acadêmica, tanto dos artigos como dos livros texto, é completamente diferente da que você teve contato durante a graduação e o nível das listas de exercício não é trivial (especialmente quando lidamos com livros do Mas-Colell, Sargent, Greene, Rudin e escritos originais de Keynes e Kalecki). Assim sendo, deixar para estudar tudo no final de semana pode não ser possível.

Alguns programas são garantem bolsa no primeiro ano, de forma que, no segundo, o aluno pode trabalhar e fazer a dissertação ao mesmo tempo (caso da USP-RP). O problema é que nem todos os programas funcionam dessa maneira e, caso você receba a bolsa da CAPES ou CNPq, não pode trabalhar.

6 Conclusão

A decisão de fazer mestrado está longe de ser trivial, especialmente para os que possuem uma restrição orçamentária mais apertada. Além disso, não são todos que aguentam seguir estudando por mais dois e de forma ainda mais aprofundada do que na graduação. A pressão também é um fator relevante e ela está presente em qualquer programa que você vier a escolher. Por isso, ter alguma certeza de que deseja pagar todo custo citado acima é um fator relevante para a sua decisão.

O Brasil conta com inúmeros cursos de mestrado para qualquer viés metodológico e agenda de pesquisa. Tentamos aqui falar de muitos centros, mas é evidente que muitos outros ficaram de fora, mas isso não significa que os mesmos não tenham programas de pós-graduação de qualidade. Sites das instituições, conversas com ex-alunos e pessoas que estão cursando podem te ajudar muito a complementar e checar o que foi dito (ou não) aqui.

Mostramos também que, diferente do que muitos pensam, cursar mestrado não implica em seguir a carreira acadêmica. Para os que almejam trabalhar como economista-chefe de qualquer instituição, uma pós-graduação acadêmica tem forte peso. Já para aqueles que desejam seguir para o doutorado, na maior parte dos casos, o mestrado será a principal porta para ele. Vale ressaltar que muitos economistas com doutorado também não trabalham (apenas) dando aula em universidades, assim como publicando artigos.

O exame da Anpec, por mais que seja a forma mais comum de ingressar em

algum curso de mestrado quando se é economista, não é a única alternativa. Mostramos que, com o exame da Anpad, assim como com as notas do GRE e fazendo exames específicos para o ingresso em alguns cursos de pós-graduação, é possível seguir com os estudos em algum programa bem avaliado pela CAPES.

No final, uma pós-graduação te permite usufruir muito mais de um título de economista. Com mais conhecimento, o conjunto de possibilidades fica incrivelmente maior e mais rentável. Como demonstramos, em média, seguir estudando **pode** pagar bem quando se retorna ao mercado.

7 Links úteis

Sua pesquisa sobre qualquer coisa em relação ao exame da Anpec deve começar por aqui. Há todas as provas anteriores, com o gabarito, mas sem a resolução, manual do candidato e vários editais. Vai ser por ali, inclusive, que você vai fazer sua inscrição, escolherá os centros, terá acesso às suas notas e classificação: <http://www.anpec.org.br/novosite/br/exame>.

O grupo do Facebook também é ótimo. É de lá que sai a planilha compartilhada, assim como é possível obter informações mais detalhadas sobre cada centro, bem como, quando as chamadas começam, algumas pessoas postam ali. Saber até que posição cada centro está chamando também pode ser uma boa, dado que esse intervalo varia de acordo com o ano: <https://www.facebook.com/groups/anpec>.

Nesse link, há uma boa quantidade de material para a prova da Anpec. Como foi usado para fazer a prova de 2018 é possível que esteja incompleto, mas muita coisa aí vale a pena olhar. Materiais do Insper, FGV, CATE, livros com questões resolvidas (até a prova de 2017): https://www.dropbox.com/sh/f9io9iwwh9ds1cc/AABD1rJblvUtFVyhsn0_dyE7a?dl=0

8 Contato

Caso você tenha alguma dúvida, sugestão, ou tenha interesse em participar do projeto, pode enviar um email para um de nós: Mateus Maciel: mateus.economus@gmail.com, Larissa de Souza: larissadesouza@folha.com.br e Ihorana Cuco: ihoranacuco@gmail.com.

9 Classificações

Para o o exame de 2018, essas foram as classificações médias e medianas, bem como o número de vagas, para alguns centros que aceitam alunos pelo exame da Anpec.

RANKING DE SELEÇÃO ANPEC 2018			
Centro	Ranking Mediano	Ranking Médio	No alunos
1 PUC-Rio	16	21	16
2 FGV-EESP	34	33	21
3 FGV/EPGE	38	38	18
4 IPE/USP	66	63	18
5 INSPER - Doutorado	76	68	4
6 PPGE/USP-RP	115	117	14
7 UnB	134	154	20
8 PPGE/UFRGS (EA)	161	170	9
9 CEDEPLAR/UFGM	196	293	15
10 PCE/UEM - Doutorado	204	206	4
11 PPGEco/UFSC	258	275	11
12 IE/UFRI	266	272	15
13 CAEN/UFV	310	308	14
14 UCB	312	390	12
15 IE/UNICAMP (ME)	327	326	14
16 PPGDE/UFPR	358	370	13
17 PPGEA/USP-ESALQ	360	361	10
18 PPGE/UFF	407	381	28
19 PPGE/UFJF	464	458	15
20 ME/UFV	467	459	5
21 UFV	529	507	8
22 PPGE-IP/UFPA	542	580	15
23 PPGE/UFRGS (ED)	575	584	11
24 PPGE/UFRRJ	599	556	15
25 PPGEco/UFRRJ	609	678	5
26 PIMES/UFPE	630	581	20
27 PPGE/UFBA	649	696	15
28 PPGE/UFRRJ-Doutorado	663	640	4
29 PPGE/PUCRS	686	727	5
30 PCE/UEM	728	726	14
31 PPGE/UFPA	749	721	6
32 PPE/UFV	757	827	10
33 PPGE-UFABC	757	719	23
34 PPGE/UFU	792	807	15
35 PPGECON/UFPE	815	796	13
36 PPEA/UFOP	845	801	15
37 PPGEco/UFES	866	836	15
38 PPE/UERN	871	802	7
39 PPE/UEL	872	853	14
40 PPGOM/UFPEl	916	900	8
41 ME/UFAL	921	912	17
42 PPE/UNIFESP	927	898	13
43 PPGE/UFSCAR	932	834	15
44 PUC-SP	981	951	21
45 PPGE/UNISINOS	983	983	1
46 PPGE/Mar-FURG	1014	988	3
47 PPGEco/UEPG	1015	999	11
48 UNIOESTE	1039	1052	4
49 PPGEconomia/UNIFAL-MG	1052	1076	10
50 NUPEC/UFV	1105	1001	11
51 PPGE&D/UFMS	1113	1089	14
52 UNESP/FCL/Car	1136	1076	14
53 PPGESTU-NAEA/UFPA	1291	1291	1

Figure 5: Fonte: grupo da Anpec, no Facebook